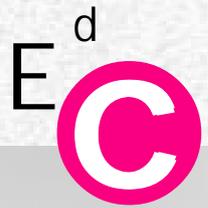


de Comunhão

uma nova cultura

Desenvolvimento
do Pólo Lionello,
de Loppiano



Economia



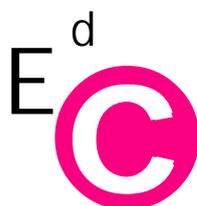
ECONOMIA DE COMUNHÃO
uma nova cultura
Ano X – nº 1 – fevereiro 2004
Suplemento da Revista Cidade Nova

Diretor responsável: Alberto Ferrucci

Endereço para correspondência:
R. Igino Giordani, 176
06730-000 – Vargem Grande Paulista – SP
Fone (11) 4158.1017
czfginetta@node1.com.br

Impressão:
Paulus Gráfica

3	Pobres que ajudam os pobres	Alberto Ferrucci
4	Instrumentos de uma Obra de Deus	Chiara Lubich
6	A cultura da proximidade	Luigino Bruni
8	Um tempo favorável	Cecilia Manzo
10	Ezio Cereghetti: tornar-se santos com o trabalho	Luca Crivelli
12	Cartas do mundo	Carla Bozzani
13	A destinação do lucro nas empresas	A. Pischetola, V. Bassi
14	A economia redescobre a felicidade	Vittorio Pelligra
15	Congresso EdC no Brasil	N. Curti, C. Martino
16	Assembléia da ESPRI S/A	R. Leibholz, H. Salvador
17	Voar alto	Rodolfo Leibholz
19	É possível também em meio às crises econômicas	Benedetto Gui
20	Os oito do Movimento por uma EdC	Luigino Bruni
21	Um seminário sobre a EdC em Subiaco	Benedetto Gui
22	Os investimentos imateriais das empresas EdC	Alberto Ferrucci
24	A empresa EdC: comunidade de pessoas	Luciano Cillerai
25	A Economia de Comunhão na França	José e Chantal Grevin
26	Um mês na Índia	Leo Andringa



Um balanço do projeto EdC, há 12 anos do seu início, pode ser feito com base no número das suas empresas, no desenvolvimento dos pólos produtivos, nos postos de trabalhos gerados, nas famílias que recuperaram um padrão de vida satisfatório e naquelas que continuam sendo ajudadas, nas pessoas que aderiram à cultura da partilha, nas atividades realizadas em favor da difusão do projeto e no consenso alcançado junto às organizações internacionais. Este, porém, não seria um balanço completo por deixar de lado os passos dados graças ao esforço de estudiosos e estudantes impulsionados pela experiência da EdC que se aplicaram em temas até então preteridos pela ciência econômica e que, agora, se tornaram estudo de vanguarda. Visto que quando propostos no campo acadêmico encontram interlocutores científicos altamente qualificados e interessados em estabelecer um diálogo construtivo (p. 14).

Esses passos são fruto de uma reflexão cultural que prevê encontros periódicos internacionais (pp. 21-24), e têm como referência os tesouros doutrinários extraídos do carisma da unidade, elaborados pela Escola Abba¹; e como banco de testes, a experiência dos agentes EdC.

Em 1998, Chiara expôs esta reflexão, lançando o "Movimento por uma Economia de Comunhão", a quem confiou a tarefa de dar *status* teórico à nova forma de agir econômico das empresas EdC e de diálogo com a cultura contemporânea.

Naquela ocasião ela convidou os estudiosos a buscarem embasamento teórico capaz de sustentar este novo modo de agir na economia, para que no campo acadêmico e científico este pudesse ser considerado junto com as outras linhas de ação econômica, deixando de ser considerado tão somente elogiável, pois não motivado pela racionalidade econômica.

Na verdade, este modo de agir fundamenta-se numa racionalidade que adota *hoje* um posicionamento econômico de longo alcance e que num amanhã se tornará imprescindível se quisermos que o mundo caminhe rumo a um futuro aceitável. Disso decorre a solidez do trabalho cultural da EdC: fazer com que tal racionalidade seja arrolada junto com as categorias da ciência econômica e recebida pela cultura contemporânea, pelo menos como opção possível. Portanto, estudada nas universidades, ao lado de outras opções, pelas pessoas que se preparam para atuar no mundo da economia.

É um trabalho, no entanto, que não pode ser levado avante com meias medidas: em maio, durante o congresso "Pólo Lionello, casa dos empresários", realizado em Loppiano Chiara foi explícita ao falar a mil empresários, trabalhadores e sócios de empresas EdC (pp.4-5): no mundo de hoje, quando as forças do Mal assumiram a forma do terrorismo, o único remédio capaz de sanar os desequilíbrios sócio-econômicos que *o alimentam é uma maior comunhão de bens mundial*: mas esta comunhão será possível se existirem homens e mulheres que testemunhem que um agir econômico que a atue, possibilita resultados válidos para a economia e para a convivência humana.

Um testemunho, através do profético projeto EdC, possível somente se os seus protagonistas viverem sempre, em todas as circunstâncias, a Arte de Amar: de fato, acima de tudo a EdC é uma obra de Deus, que é amor recíproco, Trindade.

Esta mensagem ressoou com força também no congresso EdC de junho, realizado no Brasil (pp. 15-18) quando se disse que a arte de amar ajuda todas as pessoas a "voar alto, no céu para o qual nasceram" e realiza cada pessoa, tornando criativa a sua atividade econômica: por em prática a Arte de Amar é, portanto, uma verdadeira obra de *humanização* de nós mesmos e dos outros.

Por sinal, no congresso brasileiro emergiu um dos aspectos menos conhecidos e mais preciosos do projeto EdC: como se dá a distribuição da ajuda às 12 mil pessoas e famílias em dificuldade, que o projeto torna possível.

Até o momento, esta tarefa é confiada de maneira especial aos focolarinos e às focolarinas dos 773 focolares espalhados em 86 países: são pessoas que colocaram em comum todos os seus bens, deixando países de origem e profissões para viverem e trabalharem, muitas vezes, em terras distantes: deixaram tudo para que, graças ao amor recíproco vivido por eles, houvesse no mundo lares onde é possível encontrar Jesus que prometeu estar presente até o fim dos tempos entre quem vive o amor recíproco na medida do Seu amor.

As focolarinas e os focolarinos doam a própria vida para levar a todos, no respeito à cultura, à religião e às condições sociais, o anúncio do carisma da Unidade e a presença do divino nas casas, nos escritórios, nas fábricas: vivendo para os outros, eles estão naturalmente atentos também às necessidades materiais das pessoas, que só assim são percebidas. De fato, geralmente não são as pessoas da comunidade do Movimento que pedem ajuda, pois, vivendo também elas em doação, procuram ser discretos quanto às próprias necessidades. Mas o amor recíproco promove um mais profundo

Alberto Ferrucci

alberto.ferrucci@prometh.it

interesse pelo outro e suscita uma verdadeira comunhão. Talvez com uma visita de surpresa percebe-se o que uma família consegue servir à mesa, se há algum problema no telhado da casa ou se as crianças têm roupas e calçados adequados para ir à escola.

A ajuda, se necessária, é oferecida com discrição por uma pessoa livre de assim proceder por ter-se feito ela mesma pobre e, por isso, nas condições de ajudar a superar o embaraço de ser ajudada. Deixar-se ajudar também é dom, é comunhão, com a intenção de renunciar à ajuda assim que possível.

Como resposta, chegam aos focolares cartas simples, mas preciosas (p. 12), nas quais quem doou recebendo, continua a doar partilhando a sua experiência de amor pessoal de Deus: palavras, expressões que nos levam a entrever um modo de as pessoas se relacionarem que produz plenitude, felicidade e crescimento em humanidade tanto em quem doa, quanto em quem recebe.

1) Centro de estudos interdisciplinar do Movimento dos Focolares.

Instrumentos de uma Obra de Deus

Loppiano, 17 de maio de 2003
Encontro de empresários da EdC

Como todo o fruto, seja qual for a árvore, é da mesma natureza da árvore, assim é a Economia de Comunhão. Também ela é Obra de Deus.

É necessário vê-la assim, com essa fé; e precisamos trabalhar nela com essa convicção.

Obra de Deus. O que significa isso?

Significa que Deus é o ator principal. E a concretiza por meio de circunstâncias que Ele mesmo suscita, com a colaboração dos seus instrumentos, nos quais Ele quer agir sempre em primeiro lugar.

No caso da Economia de Comunhão, a primeira circunstância que Deus nos oferece é bem conhecida.

Havíamos visitado muitas vezes a cidade de São Paulo, no Brasil, mas, um dia, em 1991, nós a vimos no seu lado paradoxal, que nos impressionou demais e chocou: uma selva de arranha-céus – reino dos ricos – rodeada por uma “coroa de espinhos”, uma infinidade de favelas – reino dos pobres.

Uma circunstância, um paradoxo, por meio do qual Deus chamava também nós a fazermos alguma coisa.

Em relação aos instrumentos que Deus suscita, no caso da Economia de Comunhão, são principalmente vocês, os empresários.

Mas com uma condição: que não sejam vocês a agir, que não sejam vocês a se dedicar, mas que deixem Jesus agir em vocês. Somente Ele, de fato, é capaz de realizar uma obra que possa se apresentar como sendo “de Deus”.

Quando é que poderemos dizer que não somos mais nós a viver, a agir, mas é Cristo em nós? Esse milagre, essa transformação acontece quando o elemento “amor” toma posse de nós, predomina em nosso ser. Se amamos, Jesus está em nós com toda a sua luz, como nosso guia.

Naturalmente o amor, graças ao qual Jesus vive em nós, é um amor especial. Nós o conhecemos. Também os nossos gen 4 o conhecem, eles até escreveram as exigências desse amor em um dado. Mas é bom repetir, repetir e repetir mais uma vez, porque, embora o conheçamos, nunca é vivido suficientemente.

O ícone, o modelo desse amor é Jesus, que viveu pessoalmente a sua palavra: “Ninguém tem um amor maior do que este: dar a vida pelos seus amigos” (Jo. 15,13).

Esse amor exige que nós estejamos prontos a morrer, pelo menos a nós mesmos, diante dos irmãos, assumindo os seus sofrimentos, as suas necessidades e inclusive as suas alegrias.

Esse amor exige que estejamos prontos a amar a todos, sem discriminação, como Ele fez, que morreu para a salvação de todos os homens e de todas as mulheres que existiram, que existem e que existirão.

É difícil, mas, com a graça de Deus, é possível.

Esse amor exige que nós tomemos a iniciativa: devemos ser os primeiros a amar, sem esperar ser amados. Foi justamente assim que Deus nos amou. Nós, pecadores, certamente não estávamos em condições de começar a amá-lo.

É necessário, ainda, amar de forma concreta e não só com o sentimento ou com palavras. Jesus amou dando até mesmo a sua vida e superando, por nós, a provação abissal do abandono do Pai.

Amando-nos desse modo, Ele nos ensinou a nos amarmos uns aos outros, e a cumprir o seu mandamento, que diz: “Amai-vos uns aos outros como eu vos amei” (cf. Jo 15,12)

Sim: também nós devemos ter um amor assim, e não outro. Esse é o amor que deve florescer e crescer em qualquer pessoa que deseja dar a vida e desenvolver também a Economia de Comunhão.



Chiara Lubich

Segunda questão:

"A Economia de Comunhão é atual? Está em sintonia com o nosso tempo?". Podemos responder observando o que emerge hoje no mundo.

Nessa aldeia global, que é o nosso planeta, depois do dia 11 de setembro de 2001, entre outros problemas descobriu-se um grande, um enorme perigo: o terrorismo. Não é uma guerra como as outras, porque elas – atualmente ainda temos cerca de 40 no planeta – são geralmente fruto do ódio, do descontentamento, da rivalidade, de interesses pessoais ou coletivos.

O terrorismo, pelo contrário, como afirmou João Paulo II, é fruto também das forças do Mal com M maiúsculo.

Não é possível combater forças desse tipo apenas com recursos humanos, diplomáticos, políticos e militares. São necessárias forças do bem com B maiúsculo e o B maiúsculo, nós sabemos, é Deus, e o que diz respeito a Ele. Combate-se, portanto, com forças espirituais, como a oração, por exemplo. [...] Mas, creio que podemos dizer que isso não é suficiente.

Nós sabemos que existem muitas causas para o terrorismo, mas uma, a mais profunda, é o sofrimento insuportável diante de um mundo que é em parte pobre e em parte rico, que gerou e continua gerando ressentimentos incubados há muito tempo, violência, vingança.

Exigem maior paridade, maior igualdade, maior – nós podemos dizer – solidariedade, maior comunhão de bens.

Porém, os bens não se movem sozinhos, não caminham por si só. É preciso mobilizar os corações, é preciso que os corações sejam colocados em unidade, em comunhão!

Somente se trabalharmos numa obra de fraternidade, de fraternidade universal, conseguiremos estar convencidos e convencer a colocar em comum inclusive os bens.

Graças a Deus é isso que o Movimento realizou e realiza, na sua medida, nos seus limites, procurando viver como irmãos e levar em toda parte o amor. Ou melhor, nós queremos o amor nos alicerces de qualquer atividade nossa, também da Economia de Comunhão, na qual as finalidades do lucro são inspiradas pelo amor, são amor concreto.

É assim no que se refere à parte do lucro investido na empresa, para que ela se mantenha e continue a dar; é assim para aquela parte com a qual ajudamos os necessitados até que encontrem uma fonte para o próprio sustento; o mesmo acontece com a soma destinada às estruturas para formar "homens novos", gente que saiba dar, como o Evangelho ensina.

Economia de Comunhão, que é ela mesma se o amor for onipresente. Economia de Comunhão, na qual nos esforçamos para amar os funcionários, os clientes, os fornecedores, os concorrentes, na qual amamos até mesmo o Estado, porque agimos dentro da legalidade; e amamos a natureza, porque nos empenhamos em salvaguardá-la. Na Economia de Comunhão é preciso que haja amor também entre os responsáveis das várias empresas, para nos sustentarmos, encorajarmo-nos e suprir o que falta a cada um.

É por causa desse dar, desse seu modo de ser, que é somente dar, dessa fraternidade em ato, que o projeto da Economia de Comunhão pode ser considerado adequado aos tempos atuais, que exigem comunhão de bens. Ou melhor, ousou dizer ainda mais: a Economia de Comunhão é um sonho profético. Uma confirmação disso é o interesse que demonstram por ela economistas prestigiosos, ou as teses de muitos jovens; bem como uma circunstância na qual eu me encontrei, que talvez nem todos conheçam.

Em 1999, fui convidada para ir a Estrasburgo, ao Conselho da Europa, a fim de participar de um Congresso econômico de alto nível [...] no qual grandes economistas e estudiosos expuseram as suas idéias. Lembro-me do Prêmio Nobel Tobin. [...]

O Congresso foi uma exposição detalhada dos problemas inesgotáveis da economia mundial. Eu falei, de forma extremamente sintética, da nossa pequena Economia de Comunhão. Na conclusão, um dos organizadores do congresso veio ao meu encontro, agradeceu-me e disse: "Está aqui, na Economia de Comunhão, a esperança para o futuro".

Eis porque eu ousou falar em profecia. Uma luz em meio às trevas, por menor que seja, pode ser vista mesmo de longe.

Que Deus continue a abençoar o nosso Movimento, a Economia de Comunhão e todos nós, para que, com a Sua ajuda, possamos sonhar com o impossível. Obrigada!

A cultura da proximidade

A 12 anos do lançamento da EdC emerge com maior clareza que a originalidade e a peculiaridade desse projeto são as mesmas da espiritualidade da unidade – ou de comunhão – que caracterizam o Movimento dos Focolares, do qual a EdC é uma expressão, e que são:

a) O amor, entendido como ágape, é a única lógica que deve orientar cada ação. Esse amor tem uma dinâmica paradoxal, como na Trindade, que é o ícone do amor cristão: «As Pessoas da Santíssima Trindade são três e no entanto são Um, porque o Amor não é e é ao mesmo tempo». Quem ama não pensa em si, e, agindo dessa forma, se realiza: quando experimenta a reciprocidade, a sua alegria torna-se plena. O primeiro paradoxo no qual se baseia a EdC é justamente o de ter colocado a cultura da partilha e do amor no âmago da atividade econômica e empresarial. Falar de amor como categoria econômica é por si só um paradoxo, porque se existe uma categoria que a economia não entende é exatamente o amor (de fato, geralmente a economia confunde esta categoria com filantropia ou com altruísmo, que permanecem ações individualistas). Pode-se dizer, portanto, que o que os construtores da ciência econômica descartaram, tornou-se pedra angular na EdC.

b) Uma espiritualidade coletiva. Desde o início, o carisma da unidade trouxe à Igreja e à humanidade uma espiritualidade comunitária ou coletiva, um estilo de vida que coloca o foco na pessoa, porém, vista numa relação existencial com os outros (e com o Outro). O carisma da unidade, de um modo totalmente novo, embora antigo como o Evangelho, é o caminho do “dois ou mais”. Uma espiritualidade coletiva só poderia gerar uma economia de comunhão que, superando o individualismo – na prática e na teoria – concebe a economia como encontro, como uma ciência e uma atividade do “dois ou mais”.

Se olharmos mais de perto o trabalho teórico que temos feito sobre a EdC ao longo desses anos, perceberemos que está centralizado justamente nesses dois pontos, desde os bens relacionais, à confiança, à felicidade. Do ponto de vista metodológico, esses trabalhos teóricos se desenvolvem num contato vital entre os estudiosos e a experiência das empresas EdC, que é uma fonte maravilhosa de muitas inspirações teóricas. Por exemplo, ao falarmos de bens relacionais, é impossível deixar de pensar nas várias experiências dos empresários; afirmamos que eles nascem quando, também na vida econômica, existem atividades de verdadeira gratuidade, cuja principal motivação não são os interesses, mas a percepção do outro que, antes de ser cliente, fornecedor ou concorrente é alguém para ser amado. Por outro lado, os trabalhos teóricos e culturais – que procuramos publicar em livros, em artigos da revista *Nuova Umanità* ou em resumos neste Noticiário – embora para alguns empresários possam parecer distantes da sua vida empresarial cotidiana, acredito tenham a sua utilidade muito prática. Dou um apenas um exemplo.

Como poderemos avaliar a eficiência e o valor agregado das empresas EdC se não inserirmos no balanço (nos custos e nas receitas) os bens relacionais?

Nas fábricas dessas empresas, nas vitrines, por trás de uma consultoria ou de uma assistência médica, ao lado dos bens e serviços objetivos e tradicionais estão também os bens relacionais que, se não forem vistos (eis que a teoria é um par de óculos que nos leva a enxergar melhor) nos impedem de compreender o que estamos fazendo, como e quanto estamos contribuindo para o bem-estar social das nossas cidades. Poderemos, então, ter a impressão de “não sermos eficientes” e desanimar somente porque não conseguimos calcular bem o valor agregado. É necessária uma atenção especial para não pensar: “as contas são contas e se não batem estamos mal”, porque muitas vezes as receitas monetárias que se consegue (ou não se consegue) estão muito ligadas aos bens relacionais, que são invisíveis, porém, assim como o ar, são percebidos justamente quando faltam.

“Calcular bem” significa sermos conscientes da riqueza da experiência que estamos vivendo, o que é indispensável para interiorizarmos e transformarmos em cultura os comportamentos que praticamos nas nossas empresas. Por exemplo: eu posso respeitar os funcionários, os fornecedores, os clientes porque considero isso correto no plano espiritual (mas não estou tão convencido de que o seja no campo econômico, portanto na primeira crise séria, mudo meu comportamento); ou então, posso fazer essas mesmas escolhas porque a minha experiência me leva a entender que é mais inteligente, mais verdadeiro, mais humano viver a comunhão em vez do egoísmo. Essa é uma verdade da qual estou convencido



Luigino Bruni

luigino.bruni@unimib.it

também em termos econômicos; isso porque inseri no cotejo outros valores econômicos, que enxergo somente se usar as lentes adequadas.

Por essa razão, fazer um “balanço social” paralelo ao balanço econômico pode ser apenas um primeiro passo, mas não pode ser um ponto de chegada, caso contrário, continuaremos alimentando a idéia de que “as contas são contas” e as relações interpessoais estão à margem, inseridas num relatório paralelo, apenas informativo, que não transforma a natureza da empresa. Quem sabe um dia, de uma nova contabilidade empresarial poderá surgir uma nova contabilidade nacional, com novos indicadores de bem-estar que poderão revelar valores (inclusive econômicos) diferentes entre uma lata de óleo produzida e vendida (instrumentalizada) para dar lucro e essa mesma lata fruto de relações interpessoais de comunhão, produzida para contribuir com o bem-estar social. Hoje muitas pesquisas se fazem para buscar esses novos indicadores, e a EdC poderá dar a sua contribuição específica. Será possível demonstrar que gerar economia é muito mais do que gerar lucro; é, até mesmo, muito mais do que satisfazer as exigências dos sujeitos envolvidos. Demonstrar-se-á que, acima de tudo, uma atividade econômica é um gesto de amor, aquele mesmo amor que nos orienta em todos os outros momentos da vida e que nos leva a fabricar bons produtos, a admitir um funcionário conforme padrões de eficiência mais complexos, que nos impedem de aceitar uma propina, e que nos levam também a experimentar a Providência que irrompe na vida econômica justamente por ser vivida dessa maneira. Se a EdC não fizer isso, será como o sal que perde o sabor.

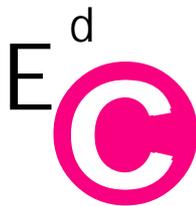
Eis, então, aflorar com maior clareza, o significado, que identificamos mais claramente na sua profecia, da divisão do lucro em três partes. A parte reinvestida na empresa – é importante lembrar que também é comunhão – nos indica que a EdC é um projeto econômico na sua normalidade, que não se contrapõe ao mercado e à eficiência, mas posiciona-as ao que deve ser. A parte destinada à formação cultural nos recorda que sem uma cultura nova não se constrói uma nova economia. Em que sentido? A EdC vive uma profecia, mas a vive... agora, atuar a comunhão num mercado que muitas vezes atua de forma contrária, pode levar ao sacrifício no plano dos resultados tradicionais (faturamento, lucros...). A cultura deve, portanto, nos levar a “enxergar” os itens invisíveis do balanço acima mencionados e a atribuir um valor intrínseco às nossas ações (de legalidade, de respeito, de amor a todos...) antes ainda dos resultados materiais: isso é cultura, que, quando se enraíza em nós, se revigora com a experiência e nos permite ir em frente, inclusive nos momentos difíceis.

Por fim, a parte destinada aos pobres.

A experiência que, há mais tempo, em todo o Movimento dos Focolares e na EdC ao longo dos últimos 12 anos está se vivendo junto com os pobres, nos diz que a pobreza vivida na comunhão com os outros pode se tornar “irmã pobreza”, nos diz que “bem-aventurados os pobres” é uma bem-aventurança dirigida a todos os homens, sendo a vida um caminho de libertação dos bens para que nos tornemos todos realmente livres. A EdC, no seu relacionamento com os pobres que não são pessoas anônimas, mas irmãos da mesma comunidade, que estão num verdadeiro plano de igualdade com os outros, vive uma nova “cultura” da pobreza, porque nova é a cultura da partilha e da comunhão, que nos torna todos pobres (como diz o Evangelho) e, pela partilha que atrai o cêntuplo, nos torna todos ricos. Tenho a certeza de que a pobreza vivida como “cultura da proximidade”, na qual não se dá ao pobre o peixe nem a vara de pescar, porque todos pescamos e festejamos juntos, pois somos irmãos, é uma das experiências mais inovadoras e mais proféticas da EdC, que a une intimamente à mais profunda tradição cristã que, na Idade Média contava entre os *pauperes* – e não entre os *potentes* – também os comerciantes, justamente porque colocavam em comunhão os frutos da própria atividade econômica.



Um tempo favorável



EdC Loppiano estava em festa com a presença de Chiara que, naquela semana visitava a Mariápolis. Entre as inúmeras atividades, Chiara depositou a pedra fundamental da igreja Maria Theotokos (Maria, Mãe de Deus) e acolheu o congresso “Pólo Lionello, casa dos empresários”. O evento reuniu cerca de 1.200 pessoas, nos dias 16 e 17 de maio: empresários, economistas e “encarregados”. Realizou-se também a assembléia dos acionistas da EdC S/A, que confirmou no cargo o atual Conselho de Administração. Um outro acontecimento foi a primeira Feira das empresas italianas de Economia de Comunhão.

À medida que se aproximava a data do congresso, percebíamos que esses eram “tempos favoráveis”. Nos dias que o antecederam, alguns de nós, que estávamos ali trabalhando na preparação, seja do congresso, seja da Feira, participamos da cerimônia da colocação da primeira pedra da igreja. Partilhando a alegria de Loppiano, nos sentimos seus cidadãos, pois

vivemos a experiência da pedra fundamental como uma profecia, uma vez que, esperamos, em breve seja depositada a pedra para a construção do Pólo. De fato, naqueles dias foi concluída a compra do terreno.

Nenhum de nós deixou escapar a passagem na qual Chiara destacou que a construção da igreja veio após anos de Vida da cidade (com V maiúsculo).

Igualmente, foi o que aconteceu na Feira: os empresários que a ela aderiram, após 12 anos da fundação da EdC, o fizeram com o mesmo temor dos pioneiros, mas com a fé de quem acredita, como contou um deles: «Conte comigo, eu também estou nesse projeto – esclarecendo – às vezes é mais fácil não participar, pois formalizar a presença nessa conjuntura significa dizer “eu acredito”...».

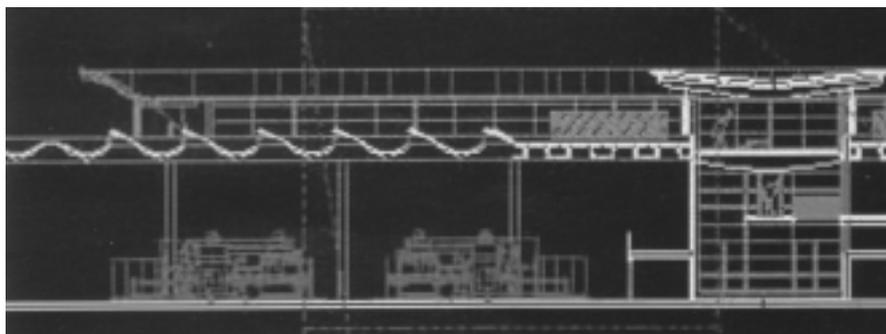
Foi assim que a Feira apresentou as empresas uma ao lado da outra, em igual “dignidade”, empresas grandes e consolidadas ao lado de pequenas e em desenvolvimento, o que, por si só, foi um testemunho do “venham e vejam”.

Ademais, nos dias do Congresso, foi como se fôssemos à “fonte da sabedoria”, permanecendo na caridade típica do empresário, que atua na esfera econômica à luz da cultura da partilha, e mais precisamente segundo a prática que daí decorre.

A relação entre a necessidade da Sabedoria – saciada pe-



Cecilia Manzo
info@edicspa.it





Inauguração e visita à Feira EdC

las palestras de Vera Araújo, Alba Sgariglia e Luigino Bruni – e a necessidade de consistência característica de cada empresário, encontrou o ponto de intercessão na palestra do Prof. Stefano Zamagni, que nos incitou a entrar no campo universitário como protagonistas, pois temos uma palavra a dizer.

Para completar tais aprofundamentos culturais, alguns empresários e acionistas deram o próprio testemunho de vida. Esse intercâmbio continuou espontaneamente durante os dois dias de congresso. A apresentação do projeto de construção por parte da empresa Squassabia suscitou grande interesse.

Mas foi Chiara quem nos tornou “lucidamente” conscientes de que a Economia de Comunhão é a resposta a um chamado preciso dos empresários que a ela aderem: *«Exige-se maior paridade, maior igualdade, maior solidariedade, uma maior comunhão dos bens. Porém os bens não se movem sozinhos, não caminham por si só. É preciso mobilizar os corações, é preciso que sejam colocados em unidade, em comunhão os corações»*.

Eu estava ao lado dela, no palco, quando Chiara confiou-me uma missão, que entendo ser de cada empresário: *«Levem para frente a vida da Economia de Co-*

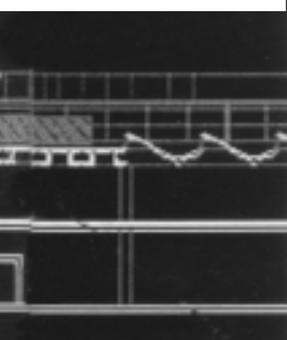
munhão». Assim, o Pólo que está sendo implantado surgiu como um instrumento muito adequado, seja pela vida que já existe (cursos para empresários, momentos de profunda comunhão que se alarga cada vez mais, sinergia econômica, capacidade de diálogo com instituições e com a esfera cultural...), seja pela forte aceleração em nos reunirmos durante esses dois dias em Loppiano, em função do Pólo, premissa de tudo o que acontecerá.

Alguns empresários acertaram para retirar o material da Expo juntos – o que foi significativo – aproveitando a oportunidade para se reunirem novamente. Encontraram-se, então, no dia 21 de junho. Na ocasião, um deles afirmou: *«O Pólo é um catalizador que nos coloca em crise, mas nos anima»*.

Chegou para nós o “tempo favorável” para iniciarmos também as fundações “terrenas” do Pólo.



Tipologia	altura (metros)	m ² (total)	m ² módulo min.	múltiplos de m ²
Espaços reservados para atividades industriais	8,5	2.200	400	200
Espaços reservados para atividades artesanais	3,0 – 4,5	2.800	200	100
Espaços reservados para atividades comerciais	3,0 – 4,5	550	25	25
Espaços reservados para escritórios de atividades inseridas no Pólo, serviços e outras atividades	2,7	1.400	25	de acordo com a necessidade
Espaços comuns de interesse público, reservados para atividades formativas e/ou congressos	várias	700		



Ezio Cereghetti: tornar-se santos no trabalho



Luca Crivelli
crivelli@lu.unisi.ch

Ezio, focolarino casado da Suíça Italiana, partiu para o Paraíso em junho de 2003. Estava no trabalho quando sofreu um enfarte.

Dois anos atrás, quando viveu pessoalmente a experiência do desemprego, ele deu início à AIRCOND, uma empresa da EdC especializada em ar condicionado.

Alguns dias antes de falecer, convidado a falar durante um encontro no qual foi apresentada a EdC, escreveu a sua experiência de empresário, que publicamos a seguir. O seu relato deixa transparecer não apenas a radicalismo do focolarino, mas também as virtudes leigas da EdC.

A empresa, pequena, mas dinâmica, havia devolvido a esperança a pessoas marcadas por situações de infortúnio, principalmente funcionários, mas também clientes e fornecedores.

Radical na opção de ir contra a corrente custe o que custar, Ezio rejeitara um grande pedido por ter descoberto que o equipamento seria utilizado para o cultivo da maconha. Quanto mais perseverava na fidelidade aos valores da EdC... mais recebia, pontualmente, da mãos de Deus, trabalho "limpo"... a tal ponto que, apesar da conjuntura desfavorável, a sua empresa, que nasceu como "empresa individual", estava crescendo e havia criado mais sete vagas de trabalho.

Desde o início, Tita, a esposa de Ezio, já tendo criado seus quatro filhos, voltou a trabalhar para garantir no dia-a-dia da empresa a presença constante do amor recíproco e da comunhão que traz o divino à terra.

Ezio transmitiu a Tita a sua coragem empresarial, tanto que ela decidiu continuar com a empresa após a morte de Ezio, assumindo a administração da AIRCOND em vez de fechá-la e demitir os funcionários.

Com a morte dele, o Céu se enriqueceu com mais um patrono da EdC, uma pessoa que percorreu com heroísmo o caminho da santidade leiga, revelada por Chiara ao nosso "mundo", em maio de 1991.

Escutar aquela voz

Lugano, 8 de junho de 2003
Celebração de Pentecostes

Meu nome é Ezio, sou casado com Tita há 27 anos e temos quatro filhos.

Trabalhei como técnico numa empresa de construção por 25 anos. Tudo sempre correu muito bem, o trabalho e o ambiente eram ótimos.

Atuei em vários setores, por exemplo, como responsável pelo departamento pessoal, o que me deu a oportunidade de construir profundos relacionamentos com os funcionários, tendo-se criado entre todos um clima de confiança e estima recíproca. Vivia cada coisa como um dom do Espírito Santo, éramos uma grande família, na qual tudo era partilhado: alegrias e erros.

Há alguns anos, a proprietária se casou e, assim, entrou na empresa um novo diretor, jovem e sem experiência. Em pouco tempo os negócios começaram a desandar e perdemos tudo o que havíamos conquistado ao longo dos anos. Com isso, o medo do desemprego tomou conta de todos nós.

Não podia ficar indiferente ao que estava acontecendo, mas também não tinha respostas e sofri com os meus próprios limites.

Conversei com Tita e pedimos a Jesus que estivesse ao nosso lado nesta nova etapa da vida; fizemos um pacto com Ele e Lhe pedimos que nos ajudasse a viver esta aventura no amor, até o fim.

Reuniões entre os funcionários e os diretores da empresa começaram a ser cada vez mais constantes. Tornei-me o porta-voz da apreensão de todos os funcionários, que aumentava a cada dia. Foi um período muito difícil na relação com o diretor: precisava estar constantemente mostrando os erros dele ao Conselho de Administração, do qual a sua esposa fazia parte. Corria o risco de perder o meu emprego, mas achava que a verdade deveria ser dita. Ao mesmo tempo, dentro de mim, sentia que jamais deveria romper o relacionamento com ele... tinha no meu íntimo uma certeza, acredito eu, inspirada pelo Espírito Santo: é um irmão, como todos os outros, que devo amar. Por isso me esforçava para usar as palavras certas, para não deixar a situação ainda mais tensa.

Naquela época, minha esposa, meus filhos e a comunidade da qual faço parte estiveram sempre ao meu lado, especialmente quando não conseguia mais pensar em nada além da situação que vivia no trabalho.

O amor de Deus por mim se manifestava por meio deles e precisava escutá-lo com a máxima atenção. Um dia encontrei uma pessoa que estava se divorciando: uma chance para amar! Não podia fazer muito, mas só o fato de tê-la escutado por mais de três horas deixou-a muito feliz.

Após quase dois anos de encontros e reuniões, numa manhã, o diretor entrou na minha sala para comunicar a minha demissão.

No primeiro momento, aflorou o ressentimento e o julgamento: «Finalmente foi demitido o homem que lhe incomodava» – pensei em rebater, mas em vez disso o tranqüilizei, dizendo que não se preocupasse, pois faria toda a minha parte até o último dia e que antes de deixar a empresa teria resolvido todas as situações que ele não teria condições de resolver. Ele me agradeceu, desculpando-se pelo ocorrido.

Ao chegar em casa, à tarde, contei o que havia acontecido e apesar do sofrimento e da apreensão, mais uma vez experimentei o amor de Deus por mim, mediante o amor dos meus familiares. Meu filho mais novo disse que não me preocupasse, pois havia encontrado um novo emprego para mim: havia lido que uma associação procurava voluntários para consertar brinquedos que seriam enviados aos países do terceiro mundo.

Alguns dias antes de deixar o trabalho, o diretor me procurou e me pediu para permanecer: disse que a demissão havia sido uma decisão precipitada. Entretanto, eu e minha esposa, depois de termos avaliado juntos algumas propostas e soluções, decidimos abrir uma nova empresa, por isso recusei a sua oferta.

O último dia de trabalho foi rico de surpresas: a empresa organizou uma festa, a direção me deu uma flor maravilhosa e uma carta na qual me agradecia por tudo o que havia feito ao longo de todos esses anos, pelas vezes em que corri para ajudar o irmão da proprietária, mergulhado no problema da droga. Ela me agradeceu também pelo apoio que lhe dei quando o seu pai faleceu num acidente aéreo.

Os funcionários me deram um presente e um cartão no qual experimentei toda a gratidão deles: de fato, nenhum deles perdeu o emprego!

Começou para mim e para a minha família uma nova etapa. Se, no início, o motivo principal para abrir uma nova empresa foi o de garantir o necessário para a família, com o tempo amadureceu o desejo de criar uma empresa modelo, na qual o relacionamento, a ética, a alegria de trabalhar estivessem no centro de tudo... e talvez, quando chegassem os lucros, poder ajudar alguém.

Atualmente, além de mim e da minha esposa, a empresa conta com dois funcionários e mais cinco colaboradores externos.

Apesar de tudo o que precisamos fazer, ainda encontramos o tempo necessário para incrementar o relacionamento entre nós e com as pessoas com quem temos contato: um dia eu estava numa obra com um colega e um operário de uma outra empresa perguntou se um de nós iria para uma certa direção, pois precisava de uma carona; ambos respondemos imediatamente que sim, embora nenhum de nós realmente fosse para lá: o importante era amar aquele operário.

Há algumas semanas, decidi admitir um rapaz que estava desempregado, por um curto período. Não tínhamos muito trabalho para ele, mas uma voz interior sugeriu-me que lhe desse uma oportunidade.

Após duas semanas, ele veio conversar comigo: havia conseguido um emprego, com um bom salário. Fiquei feliz por ele... mas depois ele disse que preferia continuar conosco, como empregado, mesmo se o salário era mais baixo.

Perguntei-lhe a razão e ele me disse que havia lido o quadro pendurado na entrada do escritório, no qual estão relacionados

os dotes morais, espirituais e religiosos que buscamos viver juntos na família e na empresa: na AIRCOND ele estava bem, havia percebido em nós a postura do que estava escrito no quadro e estava admirado com o relacionamento de amor que existia entre nós. Faz dois meses que trabalha conosco e não quer mais ir embora.

Um dia chegou uma pessoa pedindo que contribuíssemos com material publicitário para a compra de uma van para o transporte de crianças e idosos de um município da região. O valor era alto, porém, mais uma vez o Espírito Santo nos levou a entender que era mais uma chance para ajudarmos alguém. Nesse ínterim, recebi um telefonema e saí da sala. Esta pessoa ficou com minha esposa e continuaram a conversar. Quando voltei, concluímos o contrato e aproveitei para falar-lhe sobre a EdC, explicando que um dos objetivos que desde o início inspirou a nossa atividade empresarial é justamente a ajuda aos necessitados.

No final, depois de nos ter agradecido, ela revelou a sua surpresa pelo ambiente tranqüilo que encontrou, pelo modo com o qual nos relacionamos na empresa: tudo lhe parecia fantástico!

Quando fiquei sozinho com Tita, ela me disse que enquanto eu estava ao telefone, havia contado sobre a EdC àquela pessoa e que, sem saber, quando voltei, havia confirmado tudo. Experimentamos como a força do Espírito Santo realmente pode nos ajudar a amar cada irmão.

Ele é Mestre também quando chegam pedidos que vão contra a ética e a moral. Por três vezes havíamos recebido pedidos para implantar um sistema que seria utilizado na produção de maconha. Precisamos muito de novos contratos, mas a sabedoria, o amor, a contínua intervenção do Espírito Santo nos ajudam a permanecer fiéis ao modelo inicial a que nos propusemos.

Em todos esses anos Ele sempre nos premiou! Nunca ficamos sem trabalho! Percebemos que este período da vida é uma etapa importante do designio de Deus para nós. Saber escutar, pedir, rezar juntos ao Espírito Santo aumentou o amor em cada um de nós.



Ezio e Tita Cereghetti

Publicamos trechos de cartas enviadas por pessoas que participam do projeto EdC aceitando receber ajuda para suprir algumas necessidades materiais, ajuda decorrente dos lucros das empresas EdC ou da contribuição pessoal dos membros do Movimento dos Foclares.

Alguém pensa em nós

Não tínhamos dinheiro para comprar os remédios e para pagar a escola de minha filha... Eis que a ajuda chegou em tempo! Esta ajuda nos levou a perceber que existe alguém que cuida de nós!
(Jerusalém)

Retribuir o amor

Foi muito difícil aceitar a ajuda econômica da qual necessitava, jamais precisei pedir algo a alguém, porque trabalhava. Mas agora estou feliz, porque também pude contribuir com um pequeno trabalho: comecei a preparar e a vender pratos de peixe. Toda vez que estou na rua, tenho que vencer a vergonha, que supero pensando que posso retribuir àquela gota de amor que eu mesma recebo.
(Argentina)

Um cofre para as moedinhas

Tenho 12 anos e com a ajuda que recebi pude comprar uma roupa e alguma coisa para comer. Sei que existem muitas outras pessoas que talvez precisem mais do que eu, então, junto com minhas colegas, tivemos a idéia de recolher moedinhas de 10 ou 25 centavos que as outras crianças não usam ou que encontramos no chão, porque todo mundo joga fora, pois com esses valor não se compra realmente nada. Quando a latinha está cheia, dá cerca de dois dólares; então recomeçamos a juntar numa outra latinha.
(Filipinas)

Uma nova força para ir em frente

Estamos vivendo momentos difíceis neste pós-guerra e a ajuda que recebemos nos dá a possibilidade de comprar algo, além de infundir em nós uma nova força para irmos em frente. Temos esperança num futuro melhor, porque também nós queremos ajudar, mas principalmente queremos que muitas pessoas conheçam a alegria de pertencer a esta grande família mundial.
(Sérvia)

Posso continuar os estudos

A ajuda que recebo é um verdadeiro dom de Deus, um testemunho do amor fraterno desta grande família ideal. Com esse dinheiro posso comprar o material escolar e continuar os estudos, que teria que interromper.
(Brasil)

Formei-me em enfermagem

Com a ajuda que recebo consegui concluir o curso de enfermagem, que me dará a oportunidade de trabalhar e sustentar a minha família. Cada vez que recebo o dinheiro, agradeço a Deus e procuro não desperdiçar nem mesmo um centavo, porque sei que é fruto de uma comunhão abençoada por Ele.
(Brasil)

Carla Bozzani

e-mail: edc@focolare.org

Crer com mais força

Para nós é importante a ajuda que recebemos para continuar a estudar. Neste momento de crise, saber que temos um apoio, além do que recebemos de nossa família, nos ajuda a continuar a acreditar com mais força e pensar que a situação pode mudar.
(Uruguai)

Dai e vos será dado

Eu tinha 100 pesos para comprar o necessário para comer, mas o meu vizinho pediu justamente esses 100 pesos para pagar uma dívida. Eu os dei e, para a minha surpresa, um amigo que estava festejando seu aniversário nos deu de presente uma galinha e alguns legumes. Lembrei-me da frase do Evangelho: "Dai e vos será dado".
(Manila)

Comprar o essencial

Somos duas irmãs e recebíamos o necessário para os remédios e a alimentação. Sempre nos mantivemos atentas para comprar somente o essencial, conscientes de que este dinheiro era fruto da renúncia de muitas pessoas. Agora a nossa situação econômica melhorou e estamos felizes de poder renunciar à ajuda em favor de outras pessoas.
(Brasil)

Obrigado a quem me ajuda

Trabalho vendendo plantas e o meu ganho era suficiente para sustentar a família. Mas agora, com a crise econômica, em três dias não consigo ganhar o que ganhava em um dia. Agradeço a Deus pela ajuda que recebo para os remédios e para sustentar minha mãe, idosa. Agradeço também a quem contribui para ajudar a quem nem mesmo conhece.
(Paraguai)

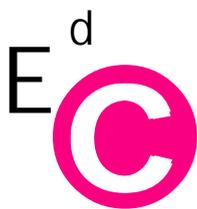
Somos pobres, mas podemos contribuir

Somos pobres, mas podemos fazer muito pelos outros. Um dia fui visitar uma senhora que estava de cama, doente; os seus filhos pequenos estavam ao seu lado chorando e com fome. O pai não havia trabalhado, portanto não tinham dinheiro. Eu tinha ganho uma banana que queria levar para a minha filha, mas dei para a menina mais nova. Quando cheguei em casa, meu marido tinha chegado e trouxera bananas para as crianças.
(Manila)

Assim posso ir à escola

Com a ajuda que recebi, pude comparar sapatos, uma calça comprida, uma camiseta e um casaco, porque aqui, quando tem muito vento, esfria. Assim, posso ir à escola.
(Filipinas)

É possível também em meio às crises econômicas



Chegando em Pilar, a 50 km de Buenos Aires, siga à direita, passe por um condomínio residencial e você vai se deparar com vários galpões separados por espaços arborizados, rodeados por *pick-ups*, como as que vemos em filmes que se passam nas pequenas cidades americanas. No número 1540, encontra-se a Lanin Iluminación, fundada e dirigida pelos irmãos

Luis e Hector Muñoz. O pai era um ferreiro que lhes havia ensinado os primeiros passos; depois foram impulsionados pela necessidade de ganhar a vida, com a disposição de fazer qualquer trabalho, inclusive o de electricista especializado em instalar luminárias. Por fim, em 1983, a idéia de abrir o próprio negócio, produzindo luminárias na garagem de casa. Atualmente o negócio emprega cerca de 20 pessoas e foi uma das primeiras empresas que aderiu ao projeto EdC na Argentina, contribuindo com generosidade para dar testemunho daqueles objetivos.

Se considerássemos o tamanho do setor de montagem ou do almoxarifado da Lanin para avaliar o nível da qualidade da sua produção, cometeríamos um grande erro: num espaço mínimo eles fazem milagres! Emiliano trabalha numa sala de mais ou menos 2 x 1m. Ele é o filho mais velho de Luís, tem 20 anos e há cinco trabalha na empresa, tendo conquistado a posição de sócio atuando na empresa. Ele projeta os espelhos dos lustres no computador e a distribuição das luminárias numa praça ou numa sala. Ele mesmo, após um breve curso técnico, criou o *software*, passando o tempo livre entre manuais, revistas de informática e dicionários de inglês.

Um excelente catálogo de produtos mostra o que a Lanin consegue fazer, ousando competir até mesmo com multinacionais.

Reunidos no pequeno escritório em que Luís e Hector mantêm os contatos com os clientes e com os fornecedores, buscamos saber mais sobre a vida da empresa. «Um objetivo assumido por nós é não demitir» - disse Luís (ou foi Hector quem disse? Havia um grande entendimento entre os dois e um jamais interrompia o outro). «O momento mais difícil foi durante a crise de 1992. Com o peso argentino equiparado ao dólar, não conseguíamos competir com os chineses. Tornou-se necessário reduzir o pessoal. Então, convidamos e ajudamos quem tinha possibilidade, a procurar um outro

emprego. Desse modo perdemos os funcionários mais especializados e capazes. Os que ficaram, porém, assumiram o trabalho dos outros, cresceram profissionalmente e adotaram o estilo de colaboração, de respeito e de atenção ao outro que buscamos viver ao longo dos anos.

Tivemos recentemente uma confirmação, quando foi necessário admitir trabalhadores temporários num momento de sobrecarga (7 mil luminárias para uma estrada que deveriam ser entregues em curto prazo).

Realmente não tinhamos condições para acompanhar o trabalho dos novos empregados, mas percebemos que estavam felizes com a acolhida, porque os responsáveis dos setores assumiram esta função com naturalidade, explicando tudo com paciência. Chegaram até a discutir sobre a situação de um funcionário mais velho, que não se sentia confortável no trabalho que fazia: não se acomodaram até encontrar um outro trabalho no qual ele se sentisse à vontade.

«Numa outra ocasião, estávamos com grandes dificuldade para pagar os impostos: eram altos porque no ano anterior tivemos muito trabalho, o que não se repetia naquele momento, pois atravessávamos uma série crise. Os funcionários renunciaram ao 13º para ajudar a pagar a dívida; um deles ofereceu até mesmo o que havia economizado para comprar um carro, mas por sorte não foi necessário».

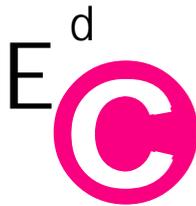
E o relacionamento com os fornecedores e com os clientes, em que ponto está? Hector respondeu: «No início do ano passado, após a deflagração da crise cambial, os preços subiam a cada semana. Alguns fornecedores não sabiam como fixar os preços. A situação era muito delicada, pois poderiam nos prejudicar ou prejudicar a si próprios. Propusemos fazer uma reunião para que pudéssemos encontrar juntos um critério que satisfizesse ambas as partes. Ao longo da conversa, percebemos que alguns deles não sabiam calcular o custo de cada produto, primeiro passo para propor um preço. Então, nos oferecemos para fazer os cálculos junto com eles, mas, surpreendentemente, disseram que nós mesmos poderíamos calcular, pois confiavam em nós».

«A situação era delicada também com os clientes – continuou Luís. Muitos concorrentes se aproveitavam da inflação, atrasando as entregas para ter o pretexto de cobrar preços mais elevados do que os acordados. Para agir corretamente, enviamos uma circular a todos os clientes explicando como procederíamos em cada caso. Não podíamos prever, mas... depois disso alguns clientes confiam somente em nossa empresa. A reação mais original foi a de um cliente que nos telefonou para dizer que aquela fora a mais bela notícia recebida naquele período em que se sentia enganado por todos: políticos, bancos, fornecedores...».

Na verdade, pode-se dizer que a própria Lanin é uma boa notícia para quem acredita que a atividade de uma empresa possa ser honesta, limpa e acolhedora.



Benedetto Gui
gui@decon.unipd.it



A economia redescobre a felicidade

Santo Agostinho já havia afirmado que a busca da felicidade é a razão primeira para o exercício da filosofia; mas afirmar que esta mesma felicidade seja uma das razões da economia pode parecer – legitimamente – um tanto original.

Justamente a economia, que foi definida “a ciência triste”, agora trata da felicidade? No entanto, se pensarmos bem, um setor considerável e muito respeitável da economia moderna é definido como “economia do bem-estar”; e a distância entre o bem-estar e a felicidade não é tão insuperável. Mais ainda: o conceito central da teoria econômica da escolha é o da “utilidade”, onde, com Bentham, originariamente entendia-se a utilidade como o efeito sobre o bem-estar geral das pessoas, dos prazeres e das amarguras, sintetizado pelo chamado *calculus felicificus*. Depois, sob o impulso do método do empirismo lógico, este conteúdo psicológico foi paulatinamente desaparecendo, até transformar a idéia de utilidade num conceito esvaziado de qualquer elemento psicológico.

Não é estranho, portanto, que, ao final deste processo de esvaziamento, os próprios economistas sintam hoje a exigência de buscar fundamentos para sustentar suas análises. Não é de se estranhar que um desses fundamentos tenha sido identificado na mais basilar e natural das aspirações: a felicidade.

Este interesse pelo tema da felicidade na economia concretizou-se recentemente num importante congresso que teve por tema “Os paradoxos da felicidade na economia”, no qual encontraram-se uma centena de especialistas em Milão, no mês de março, entre os quais o prêmio Nobel Daniel Kahneman. Não só economistas, mas também filósofos, psicólogos e sociólogos colaboraram expondo suas reflexões, entre os quais: Luigino Bruni, Benedetto Gui, Stefano Zamagni, Luca Crivelli, Gianpietro Parilin e eu, todos estudiosos que se dedicam à Economia de Comunhão e que escrevem para este Noticiário.

Usou-se o termo “Paradoxos da felicidade” porque, por mais que possa parecer simples definir e descrever a felicidade – todos experimentamos a felicidade! – quando começamos a questionar o que ela realmente significa e quais são os seus mecanismos, percebemos quanto este conceito é evasivo.

No âmago da experiência da felicidade existem paradoxos fascinantes. É possível ser feliz sem os outros? Platão pensava que sim, enquanto Aristóteles negava esta possibilidade. O termo grego *Eudaimonia*, que tradicionalmente traduzimos por “felicidade”, literalmente significa “boa sorte”. Ora, é justamente esta relação com a sorte que nos leva a captar o aspecto da fatalidade na concepção tradicional da felicidade. Se a nossa felicidade depende dos ou-

tros, então ela é frágil, torna-se necessário proteger-se das influências externas; disto derivou a solução platônica da autarquia, isto é, do ideal, da total independência dos outros. Mas esta proteção, se, por um lado, nos protege das influências negativas, por outro elimina uma das fontes mais ativas da nossa felicidade, ou seja, os relacionamentos com os outros; deste impasse se origina a solução aristotélica que enfatiza o papel das virtudes civis e da vida associativa. Como é frágil, então, a nossa felicidade e quanta incerteza perpassa a sua busca!

Como economistas, poderíamos decidir focalizar a nossa atenção em conceitos mais concretos, como o da riqueza ou do crescimento econômico. Mas, também nesse caso, as coisas não são tão claras como gostaríamos. As pesquisas estatísticas realizadas sobre o tema ressaltam que, acima de um certo nível, a riqueza se comporta como um patamar variável, isto é, com o aumento da riqueza disponível, a felicidade dos indivíduos não aumenta, pelo contrário: muitas vezes diminui.

Com certeza a riqueza não traz felicidade, mas será que a desventura provoca a infelicidade? Nem mesmo isso está claro. Uma pesquisa feita com os vencedores da loteria mostra claramente que, depois de um período inicial de entusiasmo, segue-se uma adaptação que leva o indivíduo a não se sentir mais feliz do que os demais (neste caso, um grupo de pacientes paraplégicos). Há quem proponha a hipótese de que a felicidade dependa da diferença: numa situação em que eu tenho R\$10,00 e você tem R\$ 5,00, eu me sentiria mais feliz do que numa situação na qual eu tenho R\$ 15,00 e você também tem R\$15,00. Então todos lutamos para ter mais, obtendo, no fim, sempre menos. É a lógica paradoxal da chamada “competição posicional”. Mas, nesse tema, que lugar ocupa o senso de equidade, segundo o qual o nosso bem-estar individual depende do bem estar dos outros?

Surge, então, uma imagem segundo a qual a idéia de felicidade é apenas um amontoado de paradoxos?

Mas não é só; alguns pontos determinantes emergiram do congresso organizado pela Universidade de Milão-Bicocca. Por exemplo, que não se pode falar de felicidade sem considerar uma vida inteira. De fato, é um vida inteira que, mediante acontecimentos alegres ou tristes, ganha sentido e, só a partir daí, pode surgir a felicidade. Um segundo ponto coloca em relevo como somente superando o método do individualismo metodológico, típico da economia tradicional, pode-se esperar compreender mais em profundidade os aspectos peculiares que caracterizam o que chamamos de felicidade.

Outro ponto determinante é sintetizado pelo título que Luigino Bruni, um dos inspiradores da conferência, junto com Pier Luigi Porta, Robert Sugden, Stefano Zamagni e Benedetto Gui, escolheu para o livro que está escrevendo sobre o tema: *A felicidade e os outros*.

O título, assim como todo o livro, demonstra que a dificuldade que a ciência moderna encontra em entender a natureza da felicidade deriva do fato de ter “expulsado a fisionomia do outro”.

A felicidade, em outras palavras, é um conceito relacional: não é possível sermos felizes isolados, porque a verdadeira felicidade brota do ato de doar-se.



Vittorio Pelligra
pelligra@unica.it



O congresso EdC do Brasil

O Congresso EdC realizou-se de 6 a 8 de junho de 2003, na Mariápolis que recebeu o nome de Ginetta Calliari, um das primeiras companheiras de Chiara, enviada por ela para fundar o Movimento no Brasil e a quem Chiara confiara de modo especial o projeto da Economia de Comunhão.

Ginetta está sepultada no jardim da igreja da Mariápolis, ao lado de Alberto Fernandez, médico focolarino assassinado durante um assalto, um ano atrás, quando se dirigia a uma outra cidade, para um encontro para as crianças do Movimento, os gen 4. Levava em seu carro um grande "Dado do Amor", para jogar com eles e ensiná-los a arte de amar.

O Estado de São Paulo reconheceu o valor da ação civil de Ginetta Calliari dando o seu nome a um viaduto de uma das estradas mais importantes, a Rodovia Castelo Branco, pela qual se passa para chegar à Mariápolis.

Participaram do congresso 700 pessoas de 23 Estados do Brasil: empresários, acadêmicos, acionistas da ESPRI e muitos jovens.

Participaram também empresários da Argentina, do México, do Uruguai, do Peru e do Chile, além de Luigino Bruni, Benedetto Gui e Alberto Ferrucci, da Secretaria Internacional do Movimento por uma Economia de Comunhão.

O Congresso promoveu uma contínua reflexão sobre teoria econômica, um intenso intercâmbio de experiências de empresários e um profundo diálogo sobre a evolução econômica e política internacional, orientando tudo ao novo amor pelos pobres e à edificação de uma sociedade alicerçada na fraternidade.

A presença dos empresários e o testemunho de suas atividades tornaram-se especialmente "vivos" com a visita ao Pólo Spartaco e com a solene inauguração da III Feira EdC, com a exposição de 51 das 90 empresas brasileiras, visitada com interesse. Tornou-se espaço de diálogos construtivos e de acordos de natureza econômica.

Durante o Congresso foi apresentado o projeto do Pólo Ginetta, situado a três quilômetros da Mariápolis Santa Maria, próximo a Recife, para o qual foi adquirido o terreno e deu-se início à fase de implantação.

As experiências dos empresários do Pólo Spartaco moti-

varam uma larga comunhão operacional, que suscitou criatividade e oportunidade de colaboração com vantagens para todos, além da próxima abertura de uma empresa no Pólo, a Profilática, que atua no setor farmacêutico.



Dep. Federal
Walter Feldman e esposa



Dep. Fontes e Dep. Crespo
com Corrado Martino



Armando Tortelli



Norma Curti

czfginetta@node1.com.br

Corrado Martino

czmginetta@focolares.org.br

No decorrer do Congresso, cinco novas empresas aderiram ao projeto EdC e houve um aumento das subscrições das ações da ESPRI.

A assembleia da ESPRI S/A



O Conselho de Administração da ESPRI S/A

A ESPRI é uma sociedade anônima com aproximadamente 3.600 acionistas. Ela foi constituída para criar a infra-estrutura do Pólo Empresarial Spartaco, próximo à Mariápolis Ginetta, em Vargem Grande Paulista-SP.

Na conclusão do Congresso EdC realizou-se – como de costume – a Assembléia anual da ESPRI. O Presidente, Rodolfo Leibholz, e sete membros do Conselho de Administração apresentaram os trabalhos realizados, o projeto para o futuro e as demonstrações financeiras, submetendo-as à aprovação.



O projeto do Pólo prevê um total de dez galpões, dos quais seis já foram construídos e são ocupados pelas empresas. Com os recursos obtidos das subscrições serão edificadas os quatro galpões restantes, a área social e a área comercial.

Parte considerável dos recursos de 2002 foi destinada à modernização da infra-estrutura do Pólo, como a instalação, entre outros, da rede elétrica subterrânea, do equipa-

mento antiincêndio comum e a implantação de um sistema de tratamento da água.

Do ponto de vista patrimonial, o balanço da ESPRI remete ao Patrimônio Líquido (Passivo) um capital social de aproximadamente 2 milhões de reais; uma reserva de capital na ordem de 291 mil reais e uma perda acumulada de 23 mil reais. No Ativo Permanente estão os bens imóveis no valor de 2,38 milhões de reais.

Em 2002, a ESPRI obteve receitas de 105 mil reais dos aluguéis pagos pelas empresas e, no resultado, um prejuízo da ordem de 12 mil reais, após as depreciações do imobilizado de 26 mil reais.

Portanto, o resultado contábil está negativo, mas é financeiramente positivo, uma vez que, nos custos, estão incluídas amortizações (depreciações que não representam desembolso de recursos). Quando houver entradas de aluguéis de mais dois novos galpões, espera-se apurar um lucro contábil.

No debate que se realizou a seguir, um acionista sugeriu duas medidas:

- estudar a possibilidade legal e fiscal de se fazer uma reavaliação do imobilizado da ESPRI, justificado pela valorização do terreno em função do crescimento de outras atividades nos seus arredores, que cresceram ao longo desses anos. Seria uma forma de mostrar ao acionista que, embora não haja lucros contábeis, o Pólo está valorizado, sinal de que a ESPRI está crescendo.

- uma vez que não se esperam somente lucros monetários das empresas EdC, mas também uma contribuição para a difusão da cultura de comunhão e da arte de amar, a ESPRI poderia comprometer-se, neste próximo ano, em reunir num livro as mais belas experiências da arte de amar vividas nas empresas da EdC.

O Conselho da ESPRI acatou essas duas sugestões e se propôs a iniciar tais estudos, de modo que, independentemente do número de ações que detém, todo acionista venha a possuir uma cópia deste livro, os "Fioretti" da vida das empresas de Economia de Comunhão.

Rodolfo Leibholz

rodolfo_leibholz@femaq.com.br

Herica Gaspar Salvador

herica@espri.com.br



**Palestra de Rodolfo Leibholz,
Presidente da ESPRI S/A,
durante o Congresso nacional
da EdC**

Voar alto

Podemos dizer que o relacionamento entre as pessoas é a base de toda organização humana, incluindo as empresas. Por que os indivíduos tendem a se reunir em grupos e assim permanecem?

Para responder a essa pergunta, devemos distinguir as atitudes humanas em duas tendências: a tendência individualista e a social.

Elas coexistem em cada um de nós. Depois, na prática, observamos que a pessoa age de acordo com uma ou outra tendência, conforme seus valores e ocasiões.

A tendência individualista, ao destacar exageradamente o indivíduo, tem o efeito negativo da desagregação, gerando a necessidade de uma hierarquia forte para garantir a coesão da comunidade.

Já a tendência social tem caráter agregador e é mais característica de instituições que ressaltam o aspecto comunitário, como a família e as associações que reúnem pessoas em torno de objetivos comuns.

A pessoa que age segundo a tendência individualista, ou seja, “desligada” dos outros membros da comunidade, e que não se reconhece como parte de um todo maior, pelo próprio instinto de preservação, estará em constante luta pela sobrevivência, em contínuo estado de guerra contra tudo e contra todos, sempre pensando apenas em si, portanto, levando uma vida de solidão e, conseqüentemente, de sofrimento.

Nesta atitude de individualismo e egoísmo, o que motivaria as pessoas a formarem ou integrarem associações e grupos?

Poderíamos dizer que o individualista se serve das associações porque é esta a forma mais fácil, ou melhor, a única, de sobreviver na sociedade. Até mesmo os indivíduos mais fortes sempre encontrarão outros mais poderosos e, também em razão das armadilhas da vida em sociedade, sempre serão vulneráveis.

Percebendo isso, o individualista sente que é interessante estar unido a outros, para manter a própria segurança e ter melhores condições de sobrevivência.

Surge, assim, a necessidade de criar regras, estabelecendo o que podem ou não podem fazer e, mais ainda, de escolher uma autoridade que estabeleça quais são essas regras, e que garanta que elas sejam cumpridas. Logicamente, agindo deste modo, os indivíduos renunciam à sua total liberdade para criar as condições necessárias para uma vida em sociedade.

Esta dinâmica reflete-se na atuação dos grupos. Da mesma forma que os indivíduos se confrontam, os grupos entram em conflito para garantir seus interesses corporativistas. Irrompe, então, uma estrutura social cheia de confrontos, de reivindicações e retaliações, porque os interesses de um grupo, podem não ser compatíveis com os interesses do outro.

Rodolfo Leibholz

rodolfo_leibholz@femaq.com.br



Em conseqüência disso, nascem conflitos de tamanha dimensão que requerem o ato constante de reformular ou intensificar as forças externas de controle. A legislação, a fiscalização e a polícia são exemplos de forças utilizadas para amenizar os conflitos gerados pelo corporativismo.

Desta maneira, os países refletem a tendência desagregadora dos indivíduos e dos grupos. Por isso são indispensáveis as organizações internacionais, que criam normas e leis, e promovem acordos para solucionar os conflitos de interesses nacionais. Quando funcionam, essas organizações evitam a violência, o terrorismo e as guerras.

A impressão que temos da nossa sociedade global é que ela se estruturou nesta tendência individualista, com uma racionalidade baseada no egoísmo. Um exemplo típico deste egoísmo é o caso das poderosas empresas americanas, Worldcom e Enron, que, para obter ganhos ilícitos, fraudaram acionistas, infringindo as leis, a ponto de obrigar uma intervenção do Estado para regularizar a situação.

Quanto à tendência social, observamos que é muito positivo o relacionamento das pessoas baseado na palavra “nós” e não apenas na palavra “eu”.

À luz da espiritualidade da unidade, vivenciada no Movimento dos Focolares, veremos como a tendência social das pessoas pode renovar a vida de uma empresa e da própria economia como um todo, a partir da proposta da EdC.

A EdC envolve empresas nas quais se procura praticar a “Arte de Amar”, atitude a ser vivida pelos diretores com os funcionários, pelos funcionários entre si e também com os fornecedores, os clientes e até mesmo com os concorrentes.

Nessas empresas a figura central deixa de ser o “eu” e passa a ser o “nós”. Em tal contexto, as pessoas fazem parte de um todo maior e não “funcionam” sozinhas. O modelo é o de um grande organismo vivo no qual cada pessoa desempenha sua função em harmonia com as demais, gerando um relacionamento novo. Logo, a força condutora da EdC não é o vínculo egoísta criado pelo instinto de sobrevivência, mas uma aliança motivada pelo amor.

Aqui há uma mudança fundamental. Para entendê-la, olhe-mos brevemente os tipos de relacionamentos existentes na família. Um casamento verdadeiro não se mantém por contrato, mas por uma aliança de amor que, se for vivida plenamente, contempla os princípios da “Arte de Amar”. Esta aliança, baseada no amor e em valores autênticos, exige muito esforço e aprendizado para ser vivida. Ela mantém a família unida, mesmo em situações difíceis. A aliança não é baseada em interesses pessoais, mas em valores tais como lealdade, fidelidade, compromisso, solidariedade e doação.

A empresa na qual prevalece a “Arte de Amar” resgata o dever ser do homem e gera grande vitalidade, causando



uma transformação de dentro para fora. É claro que as leis e as regras devem existir, assim como o contrato no casamento, mas não é suficiente. O que realmente mantém, tanto um autêntico casamento quanto uma empresa onde se vive a “Arte de Amar”, é a doação, a solidariedade, em suma, o amor.

Concluimos, então, que a proposta da EdC, ou seja, um relacionamento novo com todos, do funcionário ao concorrente, não só é possível, mas é também condição essencial e indispensável.

As empresas de EdC estão levando à descoberta de que a “Arte de Amar” muda as organizações e a Economia como um todo. As empresas descobrem que não podem ter sucesso a longo prazo se não houver uma relação de confiança, de harmonia e de equilíbrio entre produtor e consumidor, entre empregador e empregado, entre empresa e meio ambiente.

O que acontece com as empresas não é diferente do que ocorre com as instituições da sociedade. Sabemos, por exemplo, que, sem o apoio das famílias, as escolas fracassam. As famílias, por sua vez, correm o risco de fracassarem se não tiverem o apoio das comunidades. Qualquer comunidade terá problemas se não houver um bom relacionamento com as outras comunidades com as quais ela entra em contato.

Da mesma forma, este relacionamento é fundamental para as empresas, até mesmo no mercado livre, ambiente em que atuam. Se elas possuírem apenas uma relação baseada em contratos e leis, que determinam o que podem fazer ou não, a eficiência da economia estará ameaçada. É esta a causa mais profunda das constantes crises econômicas e, conseqüentemente, de todos os problemas que verificamos na sociedade atual.

A “Arte de Amar” aplicada às empresas, como é proposto pela Economia de Comunhão, resgata a estabilidade e a vitalidade das relações pessoais e profissionais, que vão muito além do que o estabelecido pelos contratos e as obrigações exigidas por lei. Essas relações incorporam elementos como participação, responsabilidade, generosidade, gratuidade, perdão, liberdade, solidariedade, confiança e muitos outros.

Assim, os funcionários de uma empresa crescem em criatividade e produtividade e não se sentem explorados porque percebem que são eles, ou seja, é o ser humano que está no centro do processo, e tudo visando o bem do homem.

Hoje, a sociedade é marcada pela ansiedade, pelo medo e pela falta de esperança. Um dos motivos dessa situação é a pequena participação do povo na estruturação da sociedade. Tudo isso traz efeitos que não podemos controlar, e todos sofrem as conseqüências desse processo. Entre essas conseqüências, poderíamos citar o desemprego, a fome, a desigualdade, a violência, a dominação econômica e política.

Sentimos que as lideranças que tomaram essas decisões

agiram e continuam agindo como se fossem independentes, com base nos interesses corporativistas de grupos e de classes, e não no amor. O mais grave é que, ainda hoje, muitas vezes, nós só conseguimos nos defender.

Ora, a cultura do individualismo e do egoísmo dá origem a um círculo vicioso: essas decisões favoráveis aos poderosos, geram uma sociedade desarticulada, na qual indivíduos e grupos reagem isoladamente, segundo o próprio instinto de sobrevivência. Tais reações resultam em atritos entre os grupos e os indivíduos, e só os mais fortes obtêm “vantagens”. Uma dessas “vantagens” é uma maior influência e poder na escolha (eleição) das autoridades em todos os níveis e setores da sociedade. Fechando o círculo, essas autoridades escolhidas são as que tomam as decisões.

A EdC quebra o círculo vicioso da cultura do individualismo, resgatando a esperança. Promove os valores da participação, da solidariedade, da partilha e da confiança entre pessoas que nascem para conviver e são harmonicamente interdependentes.

Podemos formar, na empresa, comunidades de trabalho que vivam a “Arte de Amar”, valorizando as pessoas pelo que elas são. A esperança e a confiança se restabelecem quando todos sabem que as decisões são tomadas por amor e não por interesse próprio ou corporativista. E quem acata essas decisões, o faz não por obrigação, mas com convicção, entendendo o processo em benefício do todo, ou seja, de cada integrante da empresa, incluindo seu público externo (clientes, fornecedores, comunidade, etc).

Gostaríamos de lembrar que a esperança e a confiança voltam, não porque os riscos da vida econômica desaparecem, e nem os da própria vida num sentido mais amplo, mas porque não enfrentamos essas dificuldades sozinhos: nós as enfrentamos juntos.

Neste ponto, eu gostaria de lembrar o valor dos cursos da EdC. Seria ingênuo dizer que a mudança cultural do individualismo para “homem novo” pode acontecer espontaneamente. É preciso colaborar, por meio da aprendizagem, do esforço e da vivência desses novos valores, para que essa mudança aconteça. Isso tem grande valor porque, através desse esforço, as pessoas adquirem uma vida com mais significado, mais realizações, mais dignidade. E esse é o maior passo que se pode dar para a humanização do trabalho.

Agindo assim, elimina-se o sentimento de impotência, a idéia de que não temos possibilidade nenhuma de ação sobre as fontes de medo, de ansiedade e de falta de esperança, que citamos anteriormente. Isso acontece porque localizamos, em nós mesmos, a fonte de ação. Nós somos parte de um grande organismo vivo, com funções diferentes, mas sempre importantes para gerar a vida. Temos influência sobre o nosso próximo, sobre a nossa equipe, a nossa empresa, a família, a comunidade... Enfim, quando vivemos a “Arte de Amar”, resgata-

mos em nós a plenitude humana: no trabalho, na família e na sociedade.

Logo, não somos passivos, inativos; pelo contrário, somos participantes da vida. Somos como atletas numa competição de revezamento em que, numa etapa, pegamos o bastão e passamos para o companheiro e, no final, todos ganham a corrida.

Esta perspectiva nos permite ver a vida como uma grande viagem, ou melhor, como diz Chiara Lubich, “uma santa viagem”, compartilhada com aqueles que vieram antes de nós, e que deverá ter continuidade naqueles que nos sucederão e que terão a mesma realização. Essa é uma visão libertadora e desafiadora, porque temos a grande responsabilidade de mudar e construir a nossa história. Do mesmo modo, temos a possibilidade de mudar a economia. Vivendo a “Arte de amar”, fortificamos todos os laços no trabalho, na família, na política, e isso pode ser fator de mudanças radicais nos sistemas vigentes.

Gostaria de explicitar que a “Arte de Amar” consegue fazer com que as pessoas se libertem dos seus condicionamentos e comecem a exercer essa grande capacidade que possuem dentro de si mesmas, ou seja, a capacidade de criar. É esta que nos realiza, porque passamos a ser co-participantes da evolução do mundo.

Para entendermos melhor, conto uma lenda dos índios norte-americanos, que demonstra o que acontece quando não se vive a “Arte de Amar”.

«Havia um índio guerreiro que encontrou um ovo de águia no topo da montanha e o colocou junto com os ovos que iam ser chocados por uma galinha do seu galinheiro. Passado algum tempo, os pintinhos começaram a sair da casca. Nasceu também a pequena águia e se desenvolveu cercada pelos pintinhos. Assim, a águia cresceu e conviveu com as galinhas; aprendeu a cacarejar, a ciscar a terra, a procurar minhocas, restringindo-se a subir nos galhos mais baixos das árvores e a voar baixo como todos os outros franguinhos. A sua vida transcorria na consciência de que era uma galinha. Um dia, já envelhecida, olhando para o céu, a águia teve uma visão magnífica. Lá no claro azul, um pássaro voava a céu aberto, como se não precisasse fazer o mínimo esforço. A velha águia ficou impressionada. Voltou-se para a galinha mais próxima e perguntou: “Que pássaro é aquele?”. A galinha olhou para cima e disse: “Oh! É a águia dourada, a rainha dos céus. Mas não pense nela. Você e eu somos daqui de baixo”.

A águia nunca mais olhou para cima e morreu na consciência de que era uma galinha.

Desta maneira crescera, vivera e morrera».

A “Arte de Amar”, adotada e praticada nessas empresas, devolve, principalmente às pessoas que lá trabalham, mas, por meio delas, também a clientes e fornecedores, a consciência de que nasceram para “voar no alto céu”, enfim, devolve a consciência de que somos águias douradas.

As pessoas que entram em contato com as empresas da EdC, percebem a genuinidade da “Arte de Amar” com todo o seu potencial, sem se sentirem instrumentalizadas. Neste ponto, eu gostaria de fazer uma ressalva: as empresas da EdC têm esta meta, este objetivo, mas são constituídas por seres humanos, com seus defeitos, limites e falhas, porém existe nelas algo de muito grande, ou seja, o desejo de recomeçar sempre, recomeçar todos os

dias, recomeçar a cada instante. Por isso, quando entramos numa empresa da EdC percebemos claramente que a relação ali estabelecida não é apenas uma relação de compra e venda, pois os bens assumem um significado diferente: simbolizam o amor que as pessoas colocam na produção, que é dirigido a cada cliente.

E assim, aquele produto adquire “vida”, pois contém um relacionamento, une as pessoas como se fossem parte de um grande organismo no qual flui o amor. Para entendermos melhor, vamos comparar o poder que uma flor possui quando dada por amor: ela “comove porque vem carregada de um significado, que vai além da flor em si mesma”. É este espírito que faz o diferencial das empresas e tem como consequência esse “algo a mais”. Todas essas empresas são sinais de um futuro novo que mudará a economia.

A experiência de aprofundamento na “Arte de Amar”, aplicada à economia, além do poder de criação e de renovação, as leva a produzir com custos menores e maior eficiência.

Essas empresas atingem também um mercado local e global, com sabedoria. É a sabedoria de quem quer atender às pessoas, exclusivamente pelo bem delas, e com isso têm sucesso. É o contrário da atitude de procurar primeiramente e apenas o lucro e, com este objetivo, tentar descobrir o que os clientes necessitam e procurar atendê-los.

As pessoas que agem com esta sabedoria sentem-se realizadas e, em suas atividades dentro das empresas de EdC, possuem um poder de criação que se configura como um bem, um recurso que as grandes empresas procuram ter, aplicando enormes somas, e não conseguem. Não conseguem porque trabalham acreditando que o homem sempre age por interesse e é egoísta por natureza.

A grande novidade que o carisma da unidade trouxe às empresas e à economia é que a “Arte de Amar” é a base de um novo agir econômico. O Pólo Empresarial Spartaco, os outros Pólos da EdC em outros países, e as demais empresas ligadas à Economia de Comunhão, são os grandes laboratórios para provar que é possível uma economia nova baseada no amor. As empresas que constroem esta nova economia transmitem sua luz para clarear e abrir novos caminhos, numa contribuição cada vez mais visível às mudanças necessárias para chegarmos a um mundo melhor.



Os oito do Movimento por uma EdC



A Comissão Internacional do Movimento por uma Economia de Comunhão reuniu-se em Subiaco (Itália), no dia 5 de julho de 2003. Considerando os vários setores de reflexão teórica e o diálogo com as instituições internacionais e com a cultura contemporânea, que se abriram em 2002, a comissão, que antes contava com três membros – Alberto Ferrucci, Benedetto Gui e Luigino Bruni – foi ampliada para oito membros.

O encontro aconteceu um ano após a ampliação da Comissão, em Rimini, com Chiara, em junho de 2002. Foi espontâneo fazer um balanço: dois novos livros sobre a EdC; a publicação de um livro em inglês, dezenas de artigos, viagens ao Brasil, à Espanha, à Argentina, à Irlanda, à Índia, a Portugal, à Suíça e à Holanda. Cursos para empresários realizados em Milão, no Brasil, na França e na Irlanda, além de congressos e seminários em universidades e instituições internacionais, em várias partes do mundo.

O projeto tornou-se ainda mais conhecido: «Alguns anos atrás, quando se falava da EdC nas universidades italianas, era comum ver os sorrisos irônicos de muitos professores – disse o prof. Zamagni, em maio, na Mariápolis de Loppiano – hoje isso não acontece mais. A EdC é uma das mais importantes formas de economia atualmente conhecidas e estudadas».

Houve uma comunhão das experiências do ano que destacou quanto a cultura da proximidade e da pobreza evangélica, vivida no Movimento dos Focolares desde o início, é uma característica específica da EdC especialmente adequada a dar uma resposta aos questionamentos da atualidade.

Os membros da comissão também fizeram uma comunhão das experiências profissionais vividas durante o ano e perceberam que, sem que o tenham planejado, cada um está se especializando numa área do diálogo com a cultura contemporânea.

Apresentamos os novos membros da comissão:

Leo Andringa

Holandês, formado em economia, depois de ter exercido cargos importantes no Ministério da Fazenda e no Banco Central da Holanda, foi convidado pela Comissão das Igrejas Cristãs da Holanda a elaborar uma posição comum em relação aos problemas do campo financeiro internacional, na qualidade de especialista em finanças. No ano 2000 apresentou o projeto Economia de Comu-

Luigino Bruni

luigino.bruni@unimib.it

não na ONU; mais tarde foi convidado pela Nações Unidas a integrar o grupo de 24 membros que deveriam preparar um documento sobre a Responsabilidade Social da Empresa, a ser apresentado à Assembléia Geral da ONU. É um dos responsáveis pelo programa de construção da nova Mariápolis permanente na Holanda. Acompanhou Chiara Lubich na sua recente viagem à Índia, ocasião na qual ele deu início a um proveitoso diálogo com experiências hindus no campo da economia solidária, que tem elementos análogos aos da Economia de Comunhão.

Cristina Calvo

Argentina, formada em economia, com doutorado em sociologia econômica. Atualmente ocupa um alto cargo na *Caritas* argentina e exerce um importante papel na economia e na sociedade do país como responsável pelo Diálogo Argentino, ponto de referência para a sociedade, a Igreja e o Estado, instituído durante a recente crise político-social. É membro da Comissão das ONGs consultadas pelo Governo e pelo FMI para a renegociação da dívida externa.

Filipe Coelho

Nasceu em Angola e tem cidadania portuguesa; mora em Portugal desde que se formou em Economia, com mestrado em Economia do Desenvolvimento e Cooperação Internacional. Ocupou um alto cargo num banco Português-angolano e atualmente trabalha como consultor no Centro para o Desenvolvimento da OCSE, a organização dos países industrialmente desenvolvidos, com uma atenção especial pela África.

Luca Crivelli

Suíço, doutor em pesquisa na área econômica (especializado em economia sanitária). Atualmente é professor de Economia Política e de Ética e Economia na Universidade da Suíça Italiana; é co-responsável pelo projeto EdC para a Suíça. Participa do diálogo sobre assuntos pertinentes à Economia de Comunhão com o Conselho Mundial de Igrejas, iniciado com a visita de Chiara a Genebra.

Lorna Gold

Escocesa de origem irlandesa, formou-se em Geografia Econômica pela Universidade de Glasgow. Nesta mesma Universidade, tornou-se doutora com uma tese sobre a Economia de Comunhão.

Desse estudo nasceu um livro publicado recentemente: *“Grassroots to Global: Religions Social Movements Transforming Globalisation”*.

Atualmente Lorna trabalha na Irlanda como analista econômica da Trocaire, uma das mais importantes organizações sem fins lucrativos da Europa. A sua função é dialogar na esfera cultural com outras organizações sem fins lucrativos, principalmente na Europa, que atuam na cooperação ao desenvolvimento.



Um seminário sobre a EdC em Subiaco

Um lugar no qual um homem que desejava silêncio viveu por três anos como eremita numa gruta, mas que, diante do fluxo ininterrupto de pessoas que desejavam segui-lo, fundou um grande número de mosteiros. Mosteiros esses que se tornaram espaços de oração e do resgate do cultivo e das artes, modelo de vida econômica para tirar a Europa de uma crise profunda. Atualmente, o que domina o cenário é uma pequena igreja construída na rocha, coberta por afrescos de mais de oito séculos, que falam da vida de São Bento: um lugar mais do que adequado para acolher cerca de 30 estudiosos e agentes econômicos para um momento de intercâmbio, com base na nossa tentativa de estabelecer o diálogo entre a cultura e a atual ciência econômica, com a visão das relações humanas que brota do carisma da unidade.

O seminário foi aberto com a apresentação do livro *La felicità e gli altri* ("A Felicidade e os outros") – Città Nuova, 2003, feita por Luigino Bruni, professor da Universidade de Milão-Bicocca, que propõe um atraente percurso entre a filosofia e a economia para tratar de dois pontos centrais no debate sobre a felicidade, ou seja: acreditava-se, anteriormente, que a única coisa que a sociedade poderia fazer para ajudar seus membros na busca da felicidade era aumentar a quantidade de bens à disposição deles; e como, hoje, diante da clara evidência de que o crescimento econômico não produz uma maior felicidade, percebe-se haver maior atenção ao papel que o relacionamento interpessoal pode oferecer como resposta ao desejo de realização pessoal e de plenitude. No diálogo que se seguiu, mais de uma pessoa destacou que, neste livro, se encontram alguns frutos de um caminho de reflexão coletiva que está sendo trilhado há anos entre a ciência econômica e a escola Abba.

Questionamos também qual seria a estratégia correta para apresentar os resultados de tal reflexão. A estratégia escolhida neste livro é a de não pedir ao leitor que adote a visão religiosa do autor, mas de fazer com que surja dos fatos a relevância de uma importante dimensão esquecida, a dimensão da relação com os outros homens: apresenta ao leitor questionamentos sobre o conceito de pessoa humana, com o qual, talvez sem perceber, ele acabou se acostumando a usar no seu modo de pensar e de agir cotidiano. Muito mais explícito é o modo de apresentar a visão de comunhão do homem, típica do projeto EdC, escolhida por Lorna Gold, que atua na área de pesquisas sobre questões de ajuda ao desenvolvimento da ONG Trocaire, na Irlanda. No seu livro *Grassroots to Global: Religious Social Movements Transforming Globalisation* (Asgate, 2003), ela avalia o projeto do ponto de vista da geografia econômica,

como uma rede de pessoas espalhadas em todos os continentes, interligadas por uma específica cultura da partilha (dar e doar-se). Essas pessoas estão comprometidas em transformar o "próprio espaço econômico", começando pelo ambiente em que vivem, mas cooperando efetivamente com um empreendimento de amplitude global.

A autora não esconde que comunga esta mesma visão, mas coloca entre si e o objeto de seu estudo o desprendimento característico do trabalho científico, que lhe permite focalizar inclusive pontos críticos do projeto. Esta é uma outra estratégia, mas certamente existem várias outras. Uma novidade deste seminário foi a presença ativa de estudiosos de disciplinas empresariais que, cada vez mais, pretendem abordar juntos, com a ótica da EdC, alguns aspectos próprios de suas especialidades.

De fato, junto a alguns agentes que atuam na área da cultura, eles constituem um grupo de estudo permanente que trata desses temas, que se junta, assim, ao grupo dedicado às problemáticas da economia política. Especialmente relevante foi a participação de Luciano Cilerai, diretor do Departamento de Economia Empresarial da Universidade de Sena, que apresentou uma reflexão original sobre como contabilizar os elementos imateriais que emergem nas empresas da EdC (cf. p. 24), ao responder a algumas questões levantadas por Alberto Ferrucci em seu pronunciamento (pp. 22-23).

Maria Gabriella Baldarelli, da Universidade de Bolonha, destacou a importância de um seu estudo sobre este tema, em relação à organização das empresas EdC: «As primeiras tentativas – disse ela – são muito promissoras. Pedi aos doutorandos que não conheciam o projeto que elaborassem suas teses fundamentadas na análise comparativa de uma empresa EdC com uma outra similar. Somente observando as diversas lógicas organizacionais, eles intuam as linhas que orientam a empresa EdC. Não será menos interessante o estudo das empresas situadas nos pólos empresariais e da relação entre elas».

Alguns doutorandos compartilharam suas experiências: Lourdes Munoz, da Universidade Complutense, de Madri; Giuseppe Argiolas, da Universidade de Cagliari; Caterina Ferrone, da Universidade de Nápoles e Luca Corazzini, da *University of East Anglia*.

A última manhã foi dedicada à apresentação dos projetos de pesquisa nos quais eles estão trabalhando. «É valioso poder participar desse tipo de intercâmbio – alguém comentou – acima de tudo com uma escuta atenta e, depois, com a comunhão de observações e de sugestões». Esta afirmação poderia ser assinada por todos os participantes, inclusive por quem já tem cabelos brancos, mas ela ainda não exprime suficientemente a intensidade e o entusiasmo daqueles três dias que se estenderam no tempo por meio de uma longa lista de mensagens e de encontros que continuam se realizando entre pequenos grupos de participantes do seminário.

Benedetto Gui
gui@decon.inipd.it

Os investimentos imateriais das empresas EdC

Seminário EdC
em Subiaco



Quando, em 1997, elaboramos os princípios para a gestão de uma empresa (Cf. EdC 17, p. 9), consideramos a vida das empresas em seus vários aspectos, combinando-os com as cores do arco-íris: o trabalho, o balanço patrimonial e a destinação do lucro (vermelho); os relacionamentos comerciais (o alaranjado); a ética empresarial e o relacionamento com as instituições (o amarelo), o relacionamento dentro da empresa e a saúde dos trabalhadores (verde); o ambiente de trabalho e as relações sociais (azul); a formação dos funcionários (anil) e a comunicação (violeta).

Na visão tradicional da empresa, todos esses aspectos são considerados em função do primeiro: para aumentar o lucro usa-se o *marketing*; por esta mesma razão, procura-se construir uma boa imagem da empresa; para isso os funcionários devem trabalhar num ambiente confortável, e assim por diante.

Mas quando a empresa é tida como uma expressão do amor, a serviço do bem comum, todos os aspectos da sua atividade se tornam igualmente importantes e orientados a melhorar uns aos outros, com conseqüências positivas também no resultado econômico.

Existem técnicas, como a contabilidade analítica (ou industrial), que servem para analisar o andamento de uma empresa. Por exemplo, numa manufatura, com a aplicação dessas técnicas, os custos empresariais são atribuídos à fabricação dos vários tipos de produtos, de forma que se torna possível avaliar os custos individuais em relação aos seus preços, verificando a margem de lucro de cada um deles e tomar as decisões inerentes.

Um dos desafios que então se apresenta é de encontrar um modo de “contabilizar” o maior custo que a empresa suporta quando se atribuem valores iguais a todos os aspectos da vida empresarial, e também analisar como este novo modo de produzir influi no “preço” de venda.

Hoje ninguém contesta que precisa pagar mais caro por um produto da agricultura orgânica, independentemente de sua aparência ou por ser bom; e o comércio equo-solidário está crescendo, com certeza não em razão de uma maior conveniência econômica: portanto, há certamente pessoas dispostas a pagar mais caro por produtos certificados por respeitarem o bem comum.

Agir com amor em cada aspecto da vida empresarial tem

um impacto positivo no valor da produção, e isso pode ser confirmado por muitas empresas da EdC.

O atuar por amor não espera recompensa, é impagável, assim como qualquer outra ação livre de cada pessoa humana, inclusive o trabalho; no entanto, se atribui um custo e um valor ao trabalho. Será talvez possível se definirem parâmetros que indiquem o maior valor econômico de um tal comportamento? Seria útil fazê-lo, pelo menos para medir a eficiência das empresas geridas dessa maneira.

Portanto, poderíamos inventar um balanço que leve em consideração esses aspectos. Na verdade, existe mais de um tipo de balanço: existe o balanço estatutário, que descreve a gestão empresarial de acordo com o Código Civil; há o balanço fiscal, que a define, com base nos parâmetros estabelecidos pelo Estado, o cálculo do lucro sobre o qual aplicar os impostos. Os resultados econômicos desses dois balanços quase nunca coincidem.

Um número cada vez maior de empresas recorre à ajuda de organizações especializadas para elaborar também o “balanço social”, no qual são apontados os aspectos da atividade empresarial que influenciam positivamente o ambiente em que a empresa atua. Este balanço, porém, geralmente evidencia que esses aspectos não são prioritários para a empresa e reforça-se assim a convicção de que o lucro monetário produzido é o que realmente importa.

Poderia ser inventado um balanço capaz de atribuir um valor às ações em favor do bem comum que, em termos econômicos, poderia ser traduzido em investimentos a longo prazo para um futuro sustentável: investimentos em favor da empresa, mas também em favor da humanidade inteira.

Se hoje, por um lado, não sabemos calcular os aspectos positivos desta nova postura econômica, por outro lado, é possível constatar os danos e os custos que a lógica econômica tradicional está provocando, segundo a qual se realiza o bem comum simplesmente focando-se os interesses individuais.

Não precisamos de especialistas em contabilidade para calcular tal custo: sabem fazê-lo todas as pessoas que empregaram suas economias nas Bolsas, talvez investindo-as mais nas Bolsas dos países mais potentes e confiáveis, e que assistiram suas economias reduzirem-se, porque a confiança nesta economia foi compromete-



Alberto Ferrucci

alberto.ferrucci@prometh.it



tida por atos terroristas suicidas de uma minoria de excluídos. Quem sabe, no futuro, teremos um novo tipo de balanço empresarial, no qual certos custos ou certas receitas não acontecidas por dependerem da opção por uma administração de comunhão, poderão ser calculados como “investimentos imateriais de longo prazo”?

A contabilidade estatutária não se baseia, hoje, simplesmente nas saídas e entradas do ano: de fato, na conta econômica, as despesas com investimentos são distribuídas ao longo de muitos anos, e a partir do momento em que entram em produção tais investimentos. Uma nova instalação industrial ou um novo poço de extração de petróleo, exige um investimento imediato que, provavelmente, dará retorno somente depois de sete ou dez anos, e terá uma vida útil, digamos, de 20 anos: portanto apenas um vigésimo do custo do investimento deverá pesar na conta de resultados a partir do momento em que começar a funcionar. Evidentemente, antes de se iniciar um empreendimento desses, são feitas considerações que convençam os financiadores para investimentos de tão longo prazo.

Uma empresa administrada de acordo com o projeto da Economia de Comunhão permanece financeiramente “pobre”, porque só um terço dos seus lucros é orientado ao aumento de seu patrimônio líquido, pois os outros dois terços são utilizados para finalidades extrínsecas aos interesses empresariais: no entanto, também esses outros recursos deveriam ser considerados investimentos imateriais.

Seria necessário encontrar um modo para contabilizar essa distribuição dos lucros numa conta do balanço. Além do mais, se o valor agregado da empresa é constituído dessa forma de “participação” e de comunhão, em que muitas pessoas – dentro e fora da empresa – são co-produtoras culturais, torna-se uma questão de justiça que tais lucros sejam colocados parcialmente em comunhão.

Deveria ser considerado o aumento dos custos, necessário para que sejam mantidos e observados os “Princípios para a gestão de uma empresa EdC”, por exemplo, o maior custo de produção para respeitar a qualidade e o ambiente, além dos limites determinados pela legislação; o custo da formação e da saúde dos funcionários, quando faltar a assistência do Estado; a diminuição do faturamento decorrente da recusa de pedidos, motivada pela determinação de manter um comportamento comercial correto, e assim por diante.

Todos esses não são custos sem frutos, como confirmam milhares de experiências das empresas EdC, porque produzem efeitos positivos na empresa e fora dela. Os empresários da EdC chamam esses resultados positivos genericamente de Providência: um termo que, por um lado, está correto, mas que não é compreendido pelos analistas e por pessoas de outras convicções.

Seria necessário, portanto, evidenciar que esses desenvolvimentos positivos, muitas vezes essenciais para se manter equilibrada a conta dos resultados econômicos das empresas EdC, são o resultado de uma atmosfera, de uma série de comportamentos dos trabalhadores, dos clientes, dos fornecedores, da concorrência, que podem ser explicados também sem uma direta intervenção daquele a quem chamamos “sócio invisível”, o qual dificilmente atua sem se valer das pessoas humanas: sabemos que ele atua sempre, mas valendo-se do coração de quem se torna o mediador desse resultado.

Portanto, aqueles custos que decorrem de um tal comportamento podem, de certo modo, ser assimilados pelos investimentos de longo prazo; e seriam considerados, pelo menos pela contabilidade interna das empresas EdC, recuperáveis ao longo dos anos, assim como os demais investimentos.

Quando conseguirmos definir esta nova contabilidade, teremos inclusive a possibilidade de demonstrar aos órgãos públicos a utilidade social de tais investimentos e portanto, requerer que assumam parte desses ônus ou de os admitirem no balanço estatutário, permitindo-lhes um tratamento especial no balanço fiscal.

Para obtermos isto, deveríamos ser capazes de demonstrar a vantagem econômica e a validade social deste capital imaterial que se acumula nas empresas, um patrimônio superior aos investimentos imateriais feitos no tempo.

Há alguns anos, ele era definido como “capital simbólico”, ligado mais às pessoas e à cultura empresarial, porque dependia sobretudo dos relacionamentos estabelecidos entre as pessoas da empresa: um capital que poderia ser comprometido mais pela mudança do relacionamento entre as pessoas do que pela mudança de alguém, isto é, se diminuísse a unidade e a comunhão entre todos.

Se isto for verdade, e se este capital é uma grande riqueza das empresas EdC, um dos principais deveres de quem as gerencia é de criar uma organização tal que propicie que todas as atividades surjam da comunhão; e zelar para que esta comunhão se mantenha sempre autêntica.

Empresa EdC: comunidade de pessoas e de recursos imateriais

As empresas EdC têm um código genético que as diferencia de outros organismos produtivos, regulados pelos cânones econômico-empresariais tradicionais, segundo os quais prevalece o interesse pelo fator capital ou pelo fator trabalho.

Embora reconheçam a necessária combinação entre os fatores acima mencionados, essas empresas evidenciam a gestão centralizada na pessoa, seja ela portadora de capital, seja de trabalho; e, conseqüentemente, centralizada na comunidade de pessoas. Portanto, além das necessárias e específicas competências técnico-profissionais dos sujeitos que nela atuam, privilegiam o capital intangível, que se reflete nas relações de reciprocidade, criando assim empresas com uma característica particular: tornam-se «comunidades de pessoas, cujas atividades econômicas, exercidas com o controle de qualidade das relações interpessoais, levam à realização de bens e de serviços que satisfaçam as necessidades da coletividade, alcançando um lucro de partilha».

Conseqüentemente, valoriza-se a pessoa, cada pessoa dentro da empresa, independentemente do papel e da função que ela desempenha, estímulo necessário à plena realização do indivíduo nas suas dimensões individual, social e ética; que comporta também a revisão de alguns aspectos gerenciais (organização, gestão de pessoal, modalidade de condução do processo produtivo, relacionamento com os vários interlocutores da empresa, comunicação, conteúdo de alguns documentos contábeis...).

Os protagonistas do projeto são conscientes da função que exercem em relação a si mesmos e aos colaboradores e, ao mesmo tempo, são conscientes de que são portadores de uma concepção comunitária e de coesão, na qual o interesse pela continuidade da empresa, o bem estar dos trabalhadores e da sociedade inteira se fundem com um projeto empresarial desafiador e unitário.

Ao aderir ao projeto, os empresários exprimem a própria orientação estratégica e a própria criatividade como síntese dos diversos interesses e energias dos sujeitos participantes da vida da empresa; estabelecem os programas de investimento, seja para a manutenção das atividades em curso, seja para a criação de novas atividades, com atenção para conciliar, onde for possível, o respeito pelas vantagens econômicas e pela produtividade, com a manutenção ou incremento do nível de emprego, justamente em virtude da atenção atribuída às pessoas, bem como à definição do trabalho.

Este projeto abre as portas a um novo conceito de gestão: ressaltar a contribuição oferecida pelos recursos imateriais (intangíveis) em termos de geração de valo-

res, cuja obtenção está ligada ao envolvimento de todas as pessoas que atuam na empresa.

Naturalmente o problema se torna complexo quando se deseja incluir no levantamento do balanço das atividades a contribuição dos intangíveis, financiados por uma particular distribuição do lucro de partilha (recorde que a EdC prevê, além da reserva de capital para o autofinanciamento, a destinação da parte do lucro para a formação de pessoas e para os pobres).

Se, por um lado, os resultados econômicos confirmam os valores centrais como os fatores econômicos e a produtividade, por outro lado, os mesmos resultados são a síntese do processo de comunhão entre todos os protagonistas dentro e fora da empresa EdC.

Portanto, pode-se, por hipótese, formular a seguinte solução:

No Balanço patrimonial, nas vozes Passivo-Patrimônio Líquido, constituem-se dois tipos diferentes de reservas:

- reservas empresariais (parte investida na empresa)
- reservas facultativas de solidariedade (parte destinada ao financiamento de projetos de formação ou de solidariedade externa).

Ainda no Balanço patrimonial, na voz Ativos, os investimentos plurianuais são subdivididos em dois tipos, para que projetem a própria utilidade ao longo dos anos, e podem ser denominadas:

- projetos plurianuais de formação
- contribuições plurianuais de solidariedade

Na Conta de Resultados ou Econômica, a cada ano deverão ser apropriadas entre os custos do exercício as cotas de amortização dos acima citados projetos e contribuições plurianuais.

Esta solução permite evidenciar os fatos administrativos em objeto, seja no Balanço Patrimonial, seja nas Contas Econômicas e, ao mesmo tempo, torna transparente à coletividade as formas de solidariedade atuadas pela empresa em relação ao ambiente externo.

É evidente que esta solução traz benefícios à empresa EdC, uma vez que a gradual divisão dos projetos plurianuais, mediante o processo de amortização, cria uma base menor sobre a qual será calculado o ônus fiscal.

Na prática, trata-se de elaborar métodos de comportamento, sistemas de medição e de observação, que poderão ter o seu valor não apenas no plano operacional, mas também para a teoria administrativa.

Com base nas considerações feitas, temos a certeza de que a tendência a alcançar o bem-estar humano tem influência também na orientação das pesquisas nas disciplinas empresariais.



Em dezembro de 2001, no auditório da Unesco, realizou-se um grande congresso sobre a Economia de Comunhão, do qual participaram expoentes da cultura e da comunidade empresarial francesa. Depois deste congresso, a EdC começou a formar opinião e tornou-se reconhecida na França como uma experiência significativa, capaz de suscitar questionamentos, entusiasmo, reflexões críticas e adesões. Uma experiência que não deixa ninguém indiferente.

A EdC e os movimentos eclesiais

A Economia de Comunhão traz consigo uma exigência que fascina aqueles Movimentos que têm a vocação de oferecer aos leigos caminhos de santificação pelo empenho em vivificar as realidades humanas. Entramos em contato com algumas novas comunidades oriundas da Renovação Carismática, como a comunidade *Chemin Neuf*, *Beatitudes*, *Emmanuel* e outros movimentos eclesiais, como *Fondatio* e o *Mouvement des Cadres Chrétiens*, um Movimento de empresários cristãos.

Alguns membros de *Chemin Neuf* participaram dos encontros da EdC. O fundador deles considera a Economia de Comunhão uma instituição profética para o mundo e pediu que fosse apresentada durante o Capitulo Geral do Movimento.

Chemin Neuf, de inspiração carismática e ecumênica, está procurando entender como a Economia de Comunhão poderá ser atuada pelos seus membros.

Curso de formação da EdC

Durante seis anos, cinco empresários das várias regiões da França, se reuniram duas vezes por ano para se ajudarem a permanecer fiéis à opção que fizeram pela EdC. Eles visitaram as respectivas empresas para conhecerem de perto o que cada um deles vive, colocando assim em prática o amor recíproco.

Como resultado desta unidade, surgiu o Curso de Formação EdC, do qual participam cerca de 20 empresários. Para quem dirige uma empresa, o fato de aderir à proposta da EdC exige passos concretos e, para que possam aprofundar esta escolha, foi proposto um plano de estudos dividido em quatro sessões, ao longo de dois anos.

A primeira sessão trata do chamado, muito exigente, que comporta a adesão ao projeto, que requer: dar espaço a Deus na própria atividade empresarial, tornando-o, como algumas pessoas gostam de dizer, "sócio" da empresa. Para quem não tem uma fé religiosa, esta escolha pode ser traduzida com o princípio de colocar a pessoa humana no centro da vida da empresa.

A segunda sessão aborda as escolhas concretas, as

mudanças de comportamento que se fazem necessárias para orientar a empresa a se tornar amor nas suas várias atividades. A terceira aprofunda o caminho da comunhão e a força que dele pode emanar. Por fim, a última sessão trata do tema do sofrimento, que não falta na vida de um empresário, seja pelas dificuldades que essa atividade comporta, seja pelas inevitáveis crises a serem enfrentadas por quem atua em campo econômico. Para superar essas dificuldades, torna-se vital que haja uma verdadeira comunhão entre os empresários.

Nessas sessões, além da exposição dos vários aspectos da espiritualidade da unidade, é essencial o testemunho de empresários que vivem a proposta da EdC na própria empresa.

Num intercâmbio de experiências e num diálogo no qual se fala sobre como enfrentar escolhas difíceis, encontram-se respostas para dificuldades e dúvidas, cria-se um clima de confiança e todos se sentem compreendidos.

O futuro do Pólo Empresarial da Mariápolis Giulio

Em um terreno próximo a Paris está nascendo a Mariápolis francesa do Movimento dos Focolares, que recebeu o nome de um dos primeiros focolarinos, Giulio Marchesi, que em sua vida ocupou cargos de destaque na indústria estatal italiana.

No último encontro dos empresários franceses da EdC, eles trataram do surgimento de um pólo empresarial nas imediações da Mariápolis. Localizaram um terreno e decidiram organizar a venda de produtos regionais para arrecadar fundos, a fim de comprá-lo. «Com certeza não será suficiente, mas é tudo o que podemos fazer no momento e decidimos fazê-lo» – disseram. Em 9 de agosto de 2003, constituiu-se a associação "Aurora para uma Economia de Comunhão".

A Economia de Comunhão na ONU, em Genebra

No solene Palácio da ONU, em Genebra, no dia 12 de agosto de 2002, a Economia de Comunhão foi apresentada aos participantes de um curso universitário sobre os Direitos do Homem: 90 especialistas, membros de instituições internacionais ou de ONGs, provenientes de 52 países. Entre as várias palestras de alto nível que trataram das grandes problemáticas do nosso planeta, a Economia de Comunhão foi apresentada, antes de tudo, como uma realização concreta e um fato indiscutível. O moderador observou que as 750 empresas que aderem ao projeto no mundo atestam sua credibilidade. Várias perguntas feitas pelos participantes confirmaram a fundamentação do projeto, que torna a experiência assimilável, utópica para alguns, rica de esperança para outros.

Um africano da Tanzânia, destacou com alegria: «Esta é uma experiência única: ricos e pobres realizam um mesmo projeto!».

José e Chantal Grevin

economie.communion.fr@focolari.org

Um mês na Índia



Leo Andringa

leoandrg@wxs.nl

Certa vez, hospedamos em nossa casa Dom Thomas Dabre, um bispo indiano, e por ocasião da visita de Chiara à Índia, ele nos convidou – eu e minha esposa, Anneke – para visitar a sua diocese. Chiara nos convidou, então, para acompanhá-la e pediu-me para apresentar a EdC em Mumbai, Coimbatore e Nova Déli.

Na primeira semana que passamos na diocese de Vasai, limítrofe à cidade de Mumbai, visitamos muitas cidades, vilarejos, bosques, campos e desertos, viajando num jipe, com um motorista à nossa disposição. Impressionou-nos a dedicação da Igreja em favor dos camponeses, dos pescadores, das populações tribais, dos pobres, das crianças e dos jovens.

A Igreja se concentra principalmente na formação de sólidas “comunidades de base” de cristãos que moram num mesmo vilarejo ou num mesmo condomínio, que se reúnem uma vez por semana. Dedicam-se também à educação, num trabalho muito apreciado. Nas escolas da Igreja, a metade dos alunos é hindu.

Num dos colégios, fui convidado a dar uma aula para 120 alunos do ensino médio. Nos diálogos que se seguiram após a minha exposição, um aluno afirmou que as religiões haviam falido na formação de seus membros, uma vez que a atuação econômica não é considerada em seus ensinamentos e, cada vez mais, vale somente o interesse pessoal, ao passo que a Economia de Comunhão traz à tona a existência de um outro caminho, no qual os valores humanos ocupam um lugar central.

A Índia é o país da mística. As pessoas vivem com Deus, em tudo e em todos. O sagrado é palpável em meio à multidão que caminha pelas ruas no dia-a-dia. As vacas, que bloqueiam as ruas, demonstram isso. Por trás da grande pobreza material se esconde uma riqueza espiritual fascinante. Esta riqueza se manifestou nas várias conversas que tive com professores, seminaristas, pesquisadores, políticos e bispos.

O relacionamento pessoal é sempre o que tem mais valor. Antes se janta juntos, só depois acontece a troca de idéias e a mensagem de Chiara é acolhida e apreciada em toda a sua profundidade. Não há críticas, existe a surpresa, a admiração, o reconhecimento. Principalmente as experiências de unidade no campo da economia e da política são as mais bem recebidas e valorizadas como um passo adiante na história da espiritualidade, que deve se tornar vida. A cada momento aflora o pensamento social de Gandhi,

embora os fundamentalistas não queiram ouvir falar de soluções pacíficas.

Foi surpreendente o encontro com o Movimento Swadhyaya, que tem “experiências sociais” semelhantes às da Economia de Comunhão. Cada um de seus membros coloca em comum os próprios talentos, a própria eficiência, com uma jornada de trabalho a cada 11 dias.

Nesse dia, junto com outros, cultiva-se a terra, pesca-se ou faz-se alguma outra atividade. Desse modo, cria-se a comunidade e o fruto do trabalho, para o qual todos contribuíram, é chamado de capital impessoal: é o capital de Deus. É dividido em três partes iguais. Uma parte é destinada aos pobres, uma parte à comunidade, por exemplo, para construir uma estrada; e a outra parte é destinada a um fundo de reserva em favor do bem comum.

Esta viagem à Índia mudou a minha visão da vida, assim como mudou também a visão da minha esposa: pensávamos que vivíamos no primeiro mundo, mas agora percebemos quantas riquezas imateriais o nosso mundo está perdendo. Entendemos também a grande importância dos cristãos na sociedade indiana, embora sejam apenas 2% da população. Os hindus gostam das escolas cristãs, que são as melhores; e nas regiões em que as estruturas públicas são precárias ou inexistentes, tudo é mantido pelas missões cristãs: escolas, casas, desenvolvimento rural e os prédios públicos.

Ficamos tocados com o grande trabalho das focolarinas e dos focolarinos, apesar da extrema pobreza, do constante congestionamento do trânsito e das crescentes tensões sociais.

Ficamos admirados também ao ver como as pessoas que se dedicam ao diálogo inter-religioso junto conosco possuem uma elevada formação intelectual e, ao mesmo tempo, são extremamente humildes.

Acredito que seria muito útil fazer uma análise comparativa entre a experiência econômica do Movimento Swadhyaya e a Economia de Comunhão, talvez por meio de uma tese de conclusão de curso: seria mais um instrumento de diálogo entre esses dois Movimentos que nasceram em continentes diferentes, no mesmo ano, e ambos de líderes carismáticos.



por um caminho melhor

alhapneus®

Av. Quito Junqueira, 61
Campos Eliseos
14085-620 – Ribeirão Preto – SP
Telefax: (16) 626.5821
alhapneus@alhapneus.com.br



GRANJA PIU-PIU
REAL PLAST - RECICLAGEM

Rodovia Salto – Indaiatuba, km 44
Bairro Olaria
Caixa Postal 22
13323-100 – Salto – SP
Telefax: (11) 4028.0668
granjapiupiu@uol.com.br



SERVIÇOS CONTÁBEIS

- ✓ Contabilidade
- ✓ Auditoria
- ✓ Perícia Contábil
- ✓ Assessoria Empresarial

Av. Pres. Tancredo Neves, 744 – Sala 4
06730-000 – Vargem Grande Paulista/SP
Fone: (11) 4158.3574
Fax: (11) 4158.3427
comunione@netserv.com.br

SCS Quadra 2 – Bloco C, 41
Ed. Anhanguera, Sala 604
Brasília – DF
mcca@solar.com.br

VITA

CÉLIA MARIA CALS DE VASCONCELOS

MEDICINA GERIÁTRICA E PLANEJAMENTO FAMILIAR

Centro Clínico Sul – SHLS 716 – Torre I – salas 310/312 – Brasília – DF
Fone: (61) 245-6186/346-1995 – Fax: (61) 346-1766



Pet Show

Banho e tosa • Boutique
Taxi-dog • Nutrição Animal

(42) 224 9688

Pça Duque de Caxias, 114
Ponta Grossa - PR

A Bella Veste



Confeções e Acessórios

R. General Rondon, 2476 – B. Central
68900-130 – Macapá – AP
Fone: (96) 222.1638



SHALOM ASSUNTOS CONTÁBEIS E FISCAIS S/C Ltda.

Rua dos Andradas, 170 – Centro
13300-170 – Itu – SP
Fone: (11) 4023.0783
Fax: (11) 4023.0708
shalomcontabil@uol.com.br



Rua Fernandes Vieira, 146
Fone: (54) 452-1317
Telefax: (54) 452-1444
95700-000
Bento Gonçalves – RS
jcaval@italnet.com.br



Congelados Sabor & Vida

Rua Augusto Farinha, 934 • Butantã
Fone: (11) 3731.6573 / 3735.5557
São Paulo – SP
sabor.vida@ig.com.br